

LEMBRANÇAS DA LEITURA

IR AO ENCONTRO DO MUNDO

Desde 2000, o **Programa Círculos de Leitura do Instituto Braudel**, leva às escolas públicas obras clássicas e contemporâneas da literatura mundial. Dessa forma, promove-se o desenvolvimento integral dos alunos através da leitura e da escrita com jovens do *Ensino Fundamental II e Médio*.

Preparamos estudantes líderes, chamados **multiplicadores**, para a mediação de pequenos grupos de leitura e discussão. O **Programa** atua como um parceiro das escolas, fortalecendo o pilar de protagonismo juvenil e auxiliando no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita e das competências gerais da *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*.

Círculos de Leitura em números

338 escolas participantes

2.176 alunos multiplicadores formados

58.200 alunos participantes

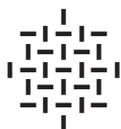
Torne-se um patrocinador

Apoie o **Programa Círculos de Leitura**. Precisamos do seu apoio para expandir o **Programa**, que abre novas possibilidades para os jovens de todo o Brasil.



LEMBRANÇAS DA LEITURA

IR AO ENCONTRO DO MUNDO



braudel
instituto

Programa
Círculos
de Leitura

Sumário

Introdução 11

Experimental afectos 19

Mariana Fernandes 23

Maria Izadora Gonçalves da Silva 25

Davi Feitoza da Silva 28

Mariana Xavier de Paula 32

Maria Fernanda Macarena Silveira Fuertes 35

Grazielly Fernandes Gonçalves Belo 38

Isabella Postigo 41

Moisés Caetano 44

Guilherme Soares de Sena 49

Sophia Oliveira 51

Grazielly Fernandes Gonçalves Belo 53

Guilherme Soares de Sena 56

Mariana Fernandes 60

Clara Luiza Santos Silva 63

Gustavo Guglielmi 66

Ritornelos 73

Antonio Vanuti Galvão da Silva 78

Moisés Caetano 81

Lorena Luna Alves 84

Lorena Luna Alves 87

Ionara Kelly de Lima Santos 89

Luana Silva Rodrigues Castro Liberto 93

Maria de Fátima Souza Bezerra 96

Julia Aquino Bezerra 99

Peter Gama de Araújo Ferreira 102

Wes Mariano 107

Giulia Moraes dos Santos 110

Gustavo Guglielmi 113

Acontecimentos 121

Mayra Evelly da Silva Santos **125**

Isabella Postigo **129**

Renato Rocha **131**

Renato Rocha **134**

Ciely da Silva Santos Lima **138**

Janaina Santos Xavier **141**

Sophia Oliveira **145**

Concurso de Ilustrações 151

Thayane Shiono Miguel Celestino **152**

Anderson Moura Alves **154**

Maria Clara de Jesus Moreira **156**

Agradecimentos 159

Corretores 160

Escolas participantes 161

Obras que inspiram os jovens 165

Instituto Fernand Braudel 167

Programa Círculos de Leitura 169

Créditos 173

Introdução

O Círculos de Leitura sempre foi um programa ambicioso. Jamais buscou “apenas” um letramento literário ou, “apenas” desenvolver lideranças. É ambicioso pois sabe que é preciso cuidar do mundo, criar chances para que os talentos ao nosso redor se desenvolvam e toda a sociedade prospere. É ambicioso porque não desenvolve uma metodologia que espera contemplativamente ver replicada, mas trabalha efetivamente para que os conceitos implicados nela sejam colocados em prática.

Essa metodologia segue um planejamento segundo um processo lógico capaz de ganhar amplitude, processo esse que leva em consideração alguns meios de provocar afectos que, neste caso, referem-se à efetuação de

uma potência. E este livro é justamente uma amostra da potência que é atingida a partir do trabalho que vem sendo realizado há mais de vinte anos pelo Instituto Fernand Braudel.

Essa força vital, segundo o filósofo Baruch Espinosa, só é possível efetivar-se a partir da conexão com outras forças, tais como os variados parceiros que apoiam o programa, as escolas e, a principal delas, seus alunos. São eles que nos mostrarão nas próximas páginas alguns resultados da transformação que o projeto promove em suas vidas, seja ela a conquista de um sonho ou uma nova forma de compreender o mundo e sentir-se preparado para nele atuar.

Alguns dos textos apresentados aqui referem-se indiretamente ao primeiro objetivo do programa: promover experimentações e afecções. Essas afecções são provocadas justamente pela maneira como as obras são apresentadas durante os Círculos e pela forma como isso

afeta as vidas dos jovens, sua capacidade de pensar, enxergar o mundo e desenvolver uma nova compreensão a respeito dele.

Outros textos têm como pano de fundo o ritornelo, um conceito que, como veremos adiante, é essencial para o desenvolvimento dos jovens em suas vidas pessoais e profissionais. É por meio do ritornelo, por exemplo, que eles serão capazes de encontrar soluções quando surgir o inesperado, seja ele um cenário desafiador em seu futuro ambiente de trabalho ou uma perda familiar imposta pela extinção da vida.

Por fim, há textos que exemplificam o que entendemos como acontecimentos, não aqueles que simplesmente nos acontecem no cotidiano, mas os que suscitam algo em nós. São eles que nos fazem compreender uma situação ou uma ideia tão intimamente que, daí em diante, tudo muda e somos capazes de viver plenamente o que acreditamos, com

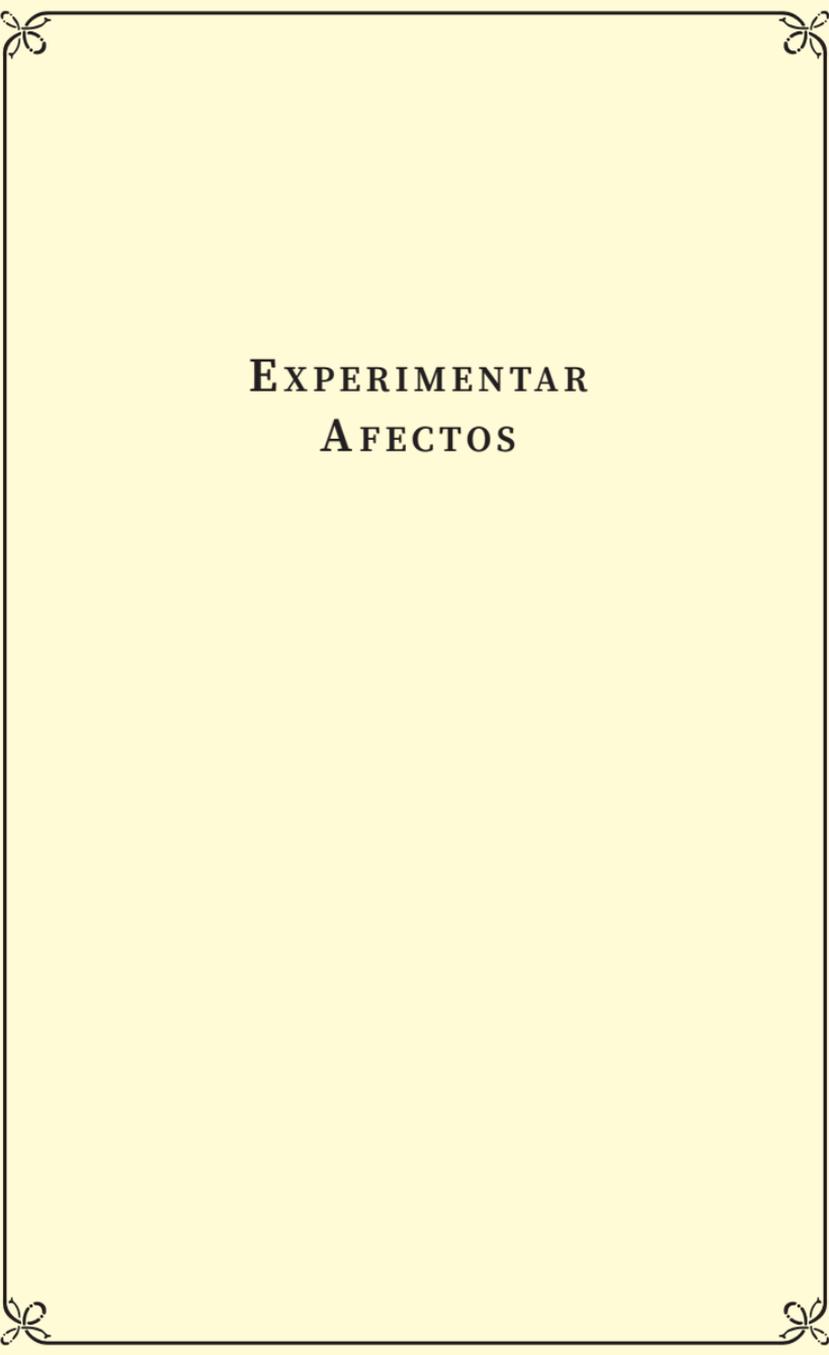
toda nossa potência, de forma a dar sentido à maneira como agimos no mundo. Esse acréscimo de algo, que pode acontecer em todos nós, tem como ponto de partida o bloco de sensações contido nas obras e que fazemos circular entre diferentes leitores, sejam eles alunos, professores ou amigos.

Resta evidente, portanto, que não se trata apenas de interpretar em grupo o que é lido, mas também promover as condições para que os conceitos que dão subsídios ao método emerjam. Para isso, consideramos que experimentar afectos é entrar em contato com as diferenças.

Ao experimentar podemos atingir a intensidade do acontecimento, no entanto, como não existe relação de causa e efeito entre a experimentação e o acontecimento, é preciso também que sejam criados ritornelos: repetições que tornam possível, entre outros efeitos, acessar o conhecimento contido nos livros,

mudar a nossa relação com o tempo e ajustar nosso equilíbrio em momentos de abalo.

Veremos, assim, que os textos aqui reunidos referem-se às etapas do aprendizado promovido pelo programa, o que será melhor explicado na introdução de cada capítulo. Por ora o convite é o mesmo que sempre fazemos aos jovens: suspender a descrença e experimentar as leituras!



**EXPERIMENTAR
AFECTOS**

Falamos em afectos no sentido espinoseano, ou seja, das afecções provocadas por outros corpos, objetos ou conjuntos. O importante é ter em mente que eles sempre acontecem “em relação” a algo que experimentamos com um ou mais sentidos do corpo.

Além disso, também é preciso compreender que existem muitas maneiras de provocar afectos, mas todas remetem a uma experimentação que implica uma variação. Ou seja, é preciso sair da passividade e exercitar um deslocamento, seja ele relativo ou não.

Sair de casa pela manhã e deslocar-se até a Casinha provoca afectos. Sair da sala de aula, sentar-se sob a sombra benfazeja de

uma árvore e sentir a brisa num espaço aberto provoca afectos. E mesmo que um grupo seja formado dentro da sala de aula, deslocar a posição de ouvinte do jovem e fazê-lo olhar para outra direção, para outros olhos, também pode provocar afectos.

No entanto, como não é possível dizer o que afeta uma pessoa e não outra, é importante promover encontros, como lembra o texto da Mariana Xavier, e experimentar, ainda que o resultado não seja imediato, como nos mostra a Mariana Fernandes quando conta sobre seu primeiro contato com uma sinfonia de Bach. Contudo o importante é criar as condições para que os afectos emerjam, pois é a partir da relação com outros corpos, sejam eles uma pessoa, um livro ou uma música, que aumentaremos a nossa capacidade de agir no mundo.

Isso se dá porque os afectos são conexões de forças também capazes de aumentar nossa

potência, nossa força vital. Entretanto eles não a aumentam como uma força individual, pelo contrário. Ao nos sentirmos revigorados a partir de uma situação em que participa algo ou alguém além de nós, percebemos que não estamos sós. Por isso podemos dizer que a potência que se subleva é a mesma que faz vacilar o *Eu*; deixamos de ser solitários e nos reconhecemos em relação a outros, nos sentimos parte de uma comunidade. A partir de então, percebemos que comungamos das mesmas alegrias e tristezas, que nossas aflições não são tão diferentes das já vividas há séculos por outras pessoas, e que fazemos parte de algo maior que nós mesmos.

Com esse acréscimo de nossa potência, somos capazes de agir no mundo de forma positiva e promover outros afectos a partir de novos bons encontros que, por sua vez, também nos provocarão novas afecções. Serão elas que nos permitirão conhecer-nos e cada vez mais conhecer o mundo, o que nos auxi-

liará a superar nossas tristezas individuais e nossos problemas comuns.

Teríamos muito mais a dizer sobre os afectos, mas deixemos os textos falarem por si. Tenhamos em mente apenas que os afectos promovidos pelos Círculos são o primeiro passo para criar bons encontros durante a vida, inclusive com o conhecimento, e é este primeiro pequeno passo em direção ao conhecimento que mais tarde nos trará a alegria de viver plenamente.

Mariana Fernandes | Ensino Médio
E.E. CÉLIA RIBEIRO LANDIM – SÃO PAULO, SP

*“Obrigada, Violinos, por esse dia
de quatro cordas.
É puro som do céu,
a voz azul do ar.”*
Pablo Neruda

Sinto que preciso escrever sobre esse dia que sempre volta a minha memória, pois continuo pensando como é possível aprender uma coisa nova em 30 minutos.

Fui convidada a escutar uma Sinfonia de Bach, algo que nunca havia feito antes: ouvir e não escutar palavra alguma. Todas as músicas que escuto têm letras, e toda vez que coloco meus fones de ouvido é para praticar alguma atividade. Escutar concentrada na música é algo que raramente me acontece, já que ouço para disfarçar o fardo que são essas

atividades que faço.

Meu cérebro logo sentiu-se monótono, sonolento, tudo nas ondas dos acordes do compositor clássico. Então me obriguei a tornar Bach e seus trinta minutos mais interessantes para meu cérebro. Não sei se isso é ofensivo a seus fãs, mas, enquanto o ídolo tocava sua sinfonia, eu tocava meu cérebro para pensar e imaginar.

Cada nota tinha que se relacionar a uma personagem, a um momento, a uma história que já havia lido. Juntei no começo Nástenka e Sonhador, porque para mim aquele som havia se tornado a trilha sonora do primeiro encontro dos dois. Em algum momento também relatei a trilha à redenção de Grushenka, e, no final, criei minhas próprias histórias.

Me diverti neste jogo e durante minha semana tentei repeti-lo, mas não consegui.

Maria Izadora Gonçalves da Silva

Ensino Médio

E.E.M. MARIA LEAL TEIXEIRA – ACOPIARA, CE

*“Sei que o amor existe
Eu não sou mais triste
E que a nova vida
Já vai chegar
E que a solidão
Vai-se acabar.”*
Chico Buarque

São Paulinho, Acopiara, CE

01 de março de 2023

Frank e Eveline,

Quando a vida nos dá a oportunidade de contar uma história, devemos fazê-lo. Houve uma época em que as moças se enfeitavam dos pés à cabeça e competiam entre si pela atenção de cavalheiros. A história nos traz

personagens que parecem não ter significado.

Eu vestia minhas roupas compridas com cores sutis, para que não chegasse a ver diante de meus olhos um descaso de amor. Aprendi em casa que nem sempre promessas são cumpridas, que o amor não servia para mim e que é mais fácil viver à deriva desse elo de dor que é o amor. Mas, agora, minhas roupas coloridas, colares e fitas, trazem à tona uma revelação, a inevitável paixão.

Porém a juventude é desprovida de responsabilidade emocional. A vida é uma história que vale a pena ser contada, mas, principalmente, ser vivida. Nesse período as vidas estão no ápice da universidade de Eros, cujo curso é o amor. É preciso usar as aulas para aprender e quem sabe um dia formar-se.

Com tantos *felizes para sempre que vivi*, jamais vos diria que eles não existem. No entanto, eles duram até que o livro se feche, seja colocado na estante, seja mastigado e devorado pela alma de um bom leitor. Depois disso, outro livro é aberto, outra história de

amor é contada e outro “*felizes para sempre*” é revelado. Não há nada de errado em encontrar o amor da sua vida, alguns preferem assim. Mas eu, como uma boa amante de livros e de pessoas, escolhi ter uma estante repleta de histórias. Fico feliz de carregar no meu coração o aprendizado e um pedacinho de cada um dos livros e de pessoas que conheci.

Um dia, talvez, vocês dois encontrem seus livros preferidos para colocar na estante, mas enquanto isso não acontecer, estejam de coração aberto para sempre aprender uma nova história, às vezes contada por um narrador, em outras por vocês.

Com carinho,
Maria

Davi Feitoza da Silva | Ex-aluno

E.E.M. MARIA DAUREA LOPES - IGUATU, CE

“Os gregos antigos possuíam duas palavras para o tempo: Chronos e Kairós. este último é um momento indeterminado no tempo em que algo especial acontece.”

O presente é tão efêmero que raramente o apreciamos devidamente. É um resumo tão breve que não requer interpretação, apenas vivência! Viver o presente que nos é dado. Neste contexto, a vida se assemelha a uma narrativa habilmente escrita, repleta de personagens únicos, enredos inesquecíveis e conflitos, muitas vezes sem um final feliz. Mas o desfecho feliz depende daqueles que não veem a morte como um ponto final, e sim como uma pausa. Assim, o tempo é resumido como uma oportunidade para contar e des-

frutar de histórias.

“Entre luz e fusco, tudo há de ser breve como esse instante”, onde o tempo se revela como o fotógrafo de nossas vidas. Suas mãos habilidosas escolhem os cenários, mesclando luz e sombra para capturar os momentos perfeitos que, como pássaros efêmeros, dançam diante de nossos olhos. Nessa imagem que se forma, somos os protagonistas, imersos na teia do breve, em que cada clique do destino nos convida a viver intensamente a história que se desdobra diante de nós.

Entre a escuridão e a claridade, que diante de nossos olhos nos revela cenários, paisagens, pessoas e momentos singulares, o que nos resta é apenas aproveitá-los. Não há contestação ao fato de que somos breves e passageiros. Por um curto instante estamos aqui e de repente não estamos mais.

Sobre todas as perguntas e questionamentos acerca da brevidade de nossas vidas, podemos pensar nos momentos de leitura, um

privilégio dos que leem, claro! Pois estes não vivem uma vida, apenas, mas se entrelaçam em estórias e histórias que só a leitura nos permite experimentar.

Este é um relato de alguém que passou e experimentou experiências de leituras, em grupo e solitárias, que jamais serão esquecidas! Pois, enquanto leitor, posso afirmar que a prática de devorar as palavras de um texto, literário ou não, alimentam um espírito que anseia por conhecimento e viagens para uma realidade em que se pode conquistar os desejos e planos traçados.

Para finalizar o pensamento apresentado neste texto, trago uma citação que está presente em “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, “Prazos largos são fáceis de se subscrever; a imaginação os faz infinitos”. Não há dúvidas sobre o tempo e o quanto nossa vida é breve. O que digo de “Dom Casmurro” e de outras obras que li nos Círculos de Leitura é que é imperativo que o homem leia, leia de tudo e

retire das leituras o que de melhor pode ser pensado, produzido e deixado registrado, como um tesouro que não deve ser guardado, mas, sim, observado e prestigiado. A leitura é o melhor da vida!

Mariana Xavier de Paula

Ensino Fundamental 2

E.E. DEP. MANOEL DA NÓBREGA – SÃO PAULO, SP

*“(...) todo espaço feliz é filho ou
neto da separação
– há um limite que precisa ser
ultrapassado,
com assombro, com temor,
com medo,
mas depois com felicidade.”*

Rainer Maria Rilke

Ciclo da vida

Relacionando o livro “O mágico de Oz” com nosso cotidiano, podemos ver um ciclo, como na escola.

Na minha vida, um deles teve início quando estava apenas no 6º ano: cheia de esperanças, mas apreensiva por não conhecer ninguém.

Com o passar do tempo, fiz várias amizades. Hoje estou no 8º ano e confesso que estou com medo do próximo, que será o último com meus amigos.

A Dorothy iniciou um dos ciclos quando fez amizade com o Espantalho, com o Homem de Lata e com o Leão. O objetivo dessa amizade foi ajudá-los a enxergar a vida como realmente é, entendendo que o importante é conviver com pessoas diferentes. Assim, depois que essa mensagem ficou clara para seus amigos, essa etapa se encerrou e cada um seguiu sua vida, agora enriquecida pela jornada que fizeram juntos.

Enfim, quando um novo ciclo se inicia, temos medo simplesmente por não saber o que pode vir adiante. Sei, no entanto, que cada época da nossa vida tem um objetivo, as pessoas passam por nós por um motivo, e quando um ciclo acaba é porque seu propósito foi alcançado.

Além disso, não é fácil terminar um ciclo, mas apesar da tristeza momentânea e da

saudade, todo ciclo nos dá uma porção de eternidade e nos prepara para novos começos. Dessa forma, tudo acontece para que você aprenda coisas novas e que os bons encontros continuem surgindo na sua vida.

Maria Fernanda Macarena

Silveira Fuertes | Ensino Fundamental 2

E.E. JOÃO BATISTA VILANOVA ARTIGAS – SÃO PAULO, SP

*“Trago-te uma água
perdida em tua memória –
segue-me até a fonte
e encontre seu segredo.”*

Patrice de La Tour du Pin

São Paulo, 28 de julho de 2023

O livro “O Pequeno Príncipe” foi muito tocante aos leitores do grupo. Por ser uma obra muito famosa, todos nós já a conhecíamos, sabíamos com o que estávamos lidando. Essa leitura nos fez refletir sobre a vida do príncipezinho, sobre seus comportamentos, e uniu alunos, professores e multiplicadores que compartilharam lembranças e resgataram

outras memórias. Além disso, por meio de diferentes perspectivas sobre a mesma história, aprendemos a lidar com as nossas emoções, por isso a leitura em grupo é tão boa.

A parte mais marcante do nosso Círculo se deu enquanto o livro narrava a infância do aviador e ninguém entendia seu medo. Refletimos muito e nos lembramos de alguns casos de adolescentes que não se sentem compreendidos por seus pais.

Uma mesma história desperta sentimentos diferentes em cada um, assim como o que para uma pessoa pode representar pouco, para outra pode ser o fim. Da mesma forma, o desenho do aviador, quando criança, para alguns era bobo, mas para ele representava a tentativa de comunicar o medo que sentiu ao ver naquele livro uma jiboia engolindo um elefante.

Por conta disso, ele acabou crescendo como uma criança incompreendida e sem amigos, sempre à procura de algo que pudesse aliviar

seu medo. Nessa busca constante, encontrou um poço no deserto e, ao beber daquela água que “nascera da caminhada sob as estrelas, do canto da roldana, do esforço do *seu* braço”, lembrou do Natal, a festa em que recebia presentes, e essa lembrança o fez esquecer do medo.

Grazielly Fernandes Gonçalves Belo

Ensino Médio

E.E. REV. TÉRCIO MORAES PEREIRA – SÃO PAULO, SP

*“Nem tudo o que se enfrenta
pode ser mudado,
mas nada pode ser mudado
até que se enfrente.”*

James Baldwin

Mesmo espaço, mas realidades diferentes. Observamos e vivemos um grande desequilíbrio que torna notórias as visões divergentes entre ambos os sexos. Muitas vezes, ao perceber isso, sentimos um choque de realidade e perguntamos se realmente estamos vivendo no mesmo mundo e na mesma sociedade.

Hoje, nas escolas, observamos um movimento desigual entre os colegas de classe: as salas com meninos e meninas não têm tido um bom equilíbrio entre ambos os gêneros,

pois há uma predominância do feminino.

Esta é uma observação interessante e algo a se orgulhar, considerando as circunstâncias que as mulheres viviam antigamente por falta de acesso à educação, mas é de se espantar e questionar o motivo pelo qual tantos garotos têm abandonado a escola ou optado por meios de educação de baixa qualidade.

Isso acontece por conta de uma crença impregnada na sociedade e que ainda está na mente de muitos jovens, a de que o homem é o *chefe* da casa. Graças a isso, notamos essa *necessidade* de os homens serem cada vez mais independentes, daí o crescente anseio monetário que surge ao acreditarem que têm que carregar sua família nas costas e se desvincular da dependência de outros.

Entretanto notamos um grande problema nesse anseio, que é a falta de ambição educacional e o foco apenas em conquistar cada vez mais dinheiro, sem considerar planos de longo prazo e maiores resultados.

Optar por adquirir uma educação de mais

qualidade e um ensino superior pode ocasionar muito mais oportunidades profissionais, levando até mesmo a saciar a ambição por dinheiro. No entanto, essa opção de longo prazo tem se tornado muito mais frequente entre as mulheres, algo que necessita ser visto e conversado.

Mostrar um outro lado do ensino de qualidade e dar esperança a esses jovens é algo transformador, tanto em relação ao indivíduo quanto à comunidade.

Essas realidades diferentes nos assustam, e a todo momento estão aqui ao nosso lado. Mas e quanto ao futuro?

Isabella Postigo | Ensino Médio

E.E. REV. TÉRCIO MORAES PEREIRA – SÃO PAULO, SP

*“A história não é sobre
lembrar o passado,
mas, sim, sobre libertar-se dele
para poder criar um futuro melhor.”*

Yuval Noah Harari

“O Averso da Pele”, sem dúvidas, foi um livro que me transpassou. Essa obra não trata apenas da busca por identidade e pertencimento de uma única pessoa, mas da coletividade, de questões socioculturais e políticas que perpassam as relações sociais. A narrativa sensível de Jeferson Tenório remonta um cenário no qual a escrita é um processo de criação que supre a falta e preenche a lacuna causada pelo distanciamento emocional de um pai.

No contexto da obra, Pedro se debruça na folha de papel e traça uma suposta trajetória

que o ajuda a entender o passado de seu pai e, a partir disso, entender sua própria identidade.

Assim como ele, sinto que precisamos retroceder um pouco e olharmos nossos pais como seres humanos, crianças que também foram machucadas. Dessa forma entenderemos quem somos e qual bagagem ancestral nos constitui para, então, escolhermos o que dali queremos carregar.

Todo esse conjunto de costumes e práticas, passado de geração em geração pela nossa família, foge ao nosso controle. Mas há algo que é unicamente nosso: as nossas escolhas. E, assim, podemos decidir o que queremos fazer com o que fizeram de nós.

Além disso, esse livro é de extrema importância na discussão étnico-racial. Sinto que o autor traz essa narrativa com o intuito de denunciar a crueldade com que o racismo estrutural se mostra presente na sociedade. Ele evidencia como as pessoas negras são submetidas diariamente a violências verbais, físicas, morais e, sobretudo, veladas, camu-

fladas pelo discurso da democracia racial, que desconsidera todas as discriminações que a população negra sofreu e sofre em um mundo monopolizado pela cultura europeia do embranquecimento.

Tenório toca em um ponto muito mais profundo, no lugar onde a cor afeta não só a vida social e política de uma pessoa, mas a vida pessoal também, interferindo nas relações amorosas e familiares, na autoestima, na compreensão de sua identidade e no sentimento de pertencimento.

O autor nos chama atenção ao evidenciar que diante dessa luta constante, a maior arma que se tem é o pensamento capaz de preservar o que está dentro de nós. Afinal, “em um mundo onde a sua cor diz mais que o seu caráter, se torna necessário preservar o que ainda há no avesso, proteger os afetos que nos mantêm vivos”.

Moisés Caetano | Ex-aluno

PROJETO AQUARELA – SÃO PAULO, SP

*“Nosso lugar na vida
é constante movimento,
mutação, e vai sendo moldado
pelo nosso caminhar.”*

Durante a leitura de “O Lugar”, de Annie Ernaux, fui atravessado por vários temas profundos, mas neste texto gostaria de destacar algumas lembranças especiais.

Lembrei-me da passagem que diz algo parecido com: só consegue enxergar a beleza quem é dono da terra.

Comecei então a refletir sobre esse conceito de ser dono. Às vezes não é preciso ter propriedades, terras, para sentir-se dono, ainda que de uma forma diferente. Pensei que todos podemos ser donos, mesmo que apenas dos nossos sonhos e da nossa esperança.

O dono do sonho, além de estímulo vital para seguir caminhando em direção a sua realização, também se aperfeiçoa e ganha olhos de ver a beleza dos campos oníricos. Terra mais vasta e fértil não há, pois é chão que se renova de tempos em tempos, no qual aquele que cultiva e semeia com sentimentos, esperança, desejo, poesia... se torna cada vez mais dono, num processo de apropriação e construção do sonho.

Uma vez dono de seus sonhos, enxergará o belo em seus campos. Apto e atravessado pela beleza do sonhador, ampliará esses novos olhos para cada cantinho da vida. Cada milagre do cotidiano apresenta sua potencialidade transformadora na constituição de seu ser, assim vai se engendrando o tecido da vida, podendo agora escolher e cingir linhas das mais belas cores.

Não idealizo uma perfeição de vida, mas esse olhar te colocará à altura de tudo o que a vida apresentar diante de ti, assim saberá trabalhar também com as linhas mais duras,

cortantes, que ferem... Saberá manuseá-las cuidadosamente, pois são parte do tecido. Em contrapartida, poderá sobrepor cada uma delas com uma nova linha, das mais belas, mais leves e produzidas a partir da colheita dos algodões da amizade, dos amores, dos afetos. É nesse tecer da vida que vamos construindo nosso lugar.

Algo primordial que aprendi com a leitura de “O Lugar” é que, metaforicamente, nosso lugar não é estático ou físico. Nosso lugar na vida é constante movimento, mutação, e vai sendo moldado pelo nosso caminhar. É imprescindível lembrarmos de estar sempre cobertos pelo tecido das linhas das nossas histórias, nossos valores e sonhos, vivências que tecemos no tecido da vida, tecido esse que tem um poder de condução, indica os caminhos e conecta a outras linhas.

O livro também me fala muito sobre mudanças e transformações. A palavra que grita na minha cabeça é mobilidade: penso em mobilidade social, geográfica, do pensar, do

sonhar. Isso me impele a refletir sobre possibilidades. Como apresentado no livro, as situações e o contexto social no qual os pais da narradora estavam inseridos lhes impuseram diferentes privações, inclusive a de sonhar seu próprio sonho para trabalhar a fim de que a filha pudesse sonhar. Esse esforço possibilitou à autora ser dona de algo, estudar, ser o que queria ser, conhecer, descobrir propósitos, ter uma vida com possibilidades e transpor todas as barreiras invisíveis que foram estabelecidas por forças alheias a ela, como questões sociais e culturais que endurecem as pessoas e furtam a capacidade de se perceberem dignas de algo bom e importante, de ter conforto.

As leituras nos abrem novos caminhos, horizontes, possibilidades. Histórias como a de “O lugar” nos mostram a importância de nossas próprias histórias e que visitar o passado, conhecer a história dos nossos pais, ajuda a entender um pouco sobre o que a vida apresentou a eles, como agiram perante suas jornadas e como foram moldados.

Nossa origem é parte de nossa constituição. Revisitar essas histórias, passar novamente pelos caminhos da saudade, das lembranças, dos objetos, com um novo olhar e no tempo certo, nos permite nos reconciliar com nosso passado, com nossas heranças.

*“Nunca existiu
uma grande inteligência
sem uma veia de loucura.”*

Aristóteles

A asa de um pensamento

Realmente o destino agiu pelas minhas costas ao me levar pelo caminho da literatura até os Círculos naquele sábado. Em nenhum momento poderia imaginar o lugar de loucos e sonhadores para onde ele me mandaria. Não me leve a mal, mas a cada dia não sei se estou ficando mais esperto... ou louco.

Há quem diga que o pensamento flutua por aí a caminho de seu pensador, levando não um conto, não uma história, não um filme, mas uma ideia. Essa ideia tem o poder de

formar almas e opiniões a fim de se tornar algo propriamente concreto.

A cada dia que passa, consigo elevar minha mente e descobrir histórias de outros e outros que me fazem pensar no grande-esplêndido universo de pensamentos flutuantes que existem. Eu imagino esses mesmos pensamentos com asas, voando por aí, à procura de um nobre pensador (ou um nobre louco, se preferir chamar assim).

Quando as asas de um pensamento conseguem encontrar a alma de seu louco, adentram sua mente, e essas asas passam a ser não só do pensamento como também do pensador. Um só, o criador e sua criação.

Talvez eu realmente esteja ficando louco, afinal são os loucos os reais sonhadores, e entre estar louco ou pobremente sóbrio, prefiro ficar com minha sanidade enlouquecida pelos inúmeros pensamentos flutuantes que formam meu ser.

Quem disse que o ser humano não pode voar? Eu voo todos os sábados.

Sophia Oliveira | Ensino Médio

E.E. REV. TÉRCIO MORAES PEREIRA – SÃO PAULO, SP

*“Ao confiar ao papel estas lembranças,
tenho consciência de realizar o ato mais
importante de minha vida.
Eu era predestinado à Recordação.”*

O.V. de Milosz

O avesso da pele, de Jeferson Tenório, nos relata a história de um filho descobrindo-se e descobrindo as dores do mundo a partir da vida e morte de seu pai. O livro revela como a dor pode aos poucos arrancar partes de nossa alma.

A morte se torna íntima demais para ser compreendida, mas a ancestralidade une o que se foi àquilo que permanece.

Pedro nos mostra seu avesso e as dores de se sentir preso à lembrança do pai que morreu. Ainda assim, por meio da escrita ele pôde

voltar ao passado para conhecer a história do pai e compreender como a própria vida era a repetição de histórias passadas.

Ele compreendeu que o fim não precisa ser doloroso e a morte não precisa ser uma despedida, ela pode ser um recomeço, uma nova história a ser contada, pois são os verdadeiros afetos que nos tornam humanos.

Grazielly Fernandes Gonçalves Belo

Ensino Médio

E.E. REV. TÉRCIO MORAES PEREIRA – SÃO PAULO, SP

*“Confiança
– o senhor sabe –
não se tira
das coisas feitas ou perfeitas:
ela rodeia, é o quente da pessoa.”*

João Guimarães Rosa

Os dedos confusos, sem saber se deviam ou não fazer aquele movimento. Mas após um instante de coragem aquela fechadura foi destrancada e a porta aberta, revelando um baú repleto de sonhos.

Difícil de acreditar, mas ela jura ter visto uma gaivota voando para o lado de fora. Dando uma olhada rápida, ela consegue ver uma garota dançando sobre um chão de brasa, e logo em seguida uma mulher orando e um homem a

observando com os olhos brilhantes. Olhou novamente e viu quatro irmãos cujas visões de mundo eram completamente diferentes, um garoto deitado em um trilho e logo em seguida um trem passando, e até mesmo um mistério sobre um cachorro diferente.

Além de ver tudo isso, diversas palavras voaram para fora daquele baú, e quando ela parava para ver algumas delas, enxergava ou uma linda imagem, ou uma imagem triste e sombria, mas o que permanecia era o amor.

De repente ela se perguntou: é possível eu ter um sonho, mas não ter? Preciso desejá-lo? Mas e se eu tiver um e não conhecê-lo, é possível? Eu estou realmente sonhando ou é apenas alguma loucura da minha mente? Mas e se a loucura da minha mente for um sonho? - Perguntava-se.

Então ela se jogou no baú dos sonhos.

Uma outra imensidão de sonhos apareceram, voaram à sua volta rindo e se divertindo, alguns até pareciam mais tímidos e escondidos, outros extrovertidos e divertidos. Era

ali que a magia acontecia, o véu se rasgava e se consagrava a Eros com vigor, implorando por amor.

Ela descobriu a voz, descobriu o falar e o ouvir; descobriu experiências!

A Casinha me mostrou a luz da fogueira, a determinação e o renascimento do Fernão, o descobrimento da Terezinha, a mudança do Estêvão e me fez admirar a diferença dos irmãos. A Casinha não é apenas um ambiente com quatro paredes e muitos livros, mas o meu baú dos sonhos.

*“A verdade é que vocês não se
amavam o suficiente
para suportarem os seus fantasmas.*

*Vocês eram apenas duas
pessoas quebradas.*

Cada um com seus cacós...

Jeferson Tenório

Ecos do Amor Ancestral

À medida que nossa espécie evoluiu, foram sendo criadas diversas bugigangas e acessórios que poderiam ser utilizados de mil e uma maneiras. Apesar desse fato, a ferramenta mais usada — ou mal usada — foi criada pelo acaso divino, o amor. Às pessoas que fizeram parte do grupo dos maus-clientes do amor,

recomendo uma boa e velha dose de terapia, mas, antecedendo tal tratamento, a leitura do livro *O avesso da pele*, escrito por Jeferson Tenório, é um excelente começo, ao meu ver.

Um dos preceitos do ensinamento literário é o de não repetirmos os erros das desventuras que conhecemos nas histórias. Apesar disso, Pedro — personagem principal da obra — desconhece tal preceito quando, após a morte de seu pai, comete os mesmos erros deste por sua falta de ancestralidade. Nesse livro percebemos o quanto a ausência do conhecimento das nossas origens pode tirar o nosso pertencer e fazer com que nosso sofrimento pareça singular, ocasionando uma geração de Fulanos, Beltranos e Siclanos que, sem passado, se tornam maus-clientes do amor.

Quão perigoso pode ser comprar a ideia de amar sem saber como? Antes de buscar no outro uma mísera satisfação em amar, mesmo que de mal jeito e utilizando de forma literal o amor como acessório, precisamos enten-

der a verdadeira importância de pertencer à ancestralidade e, talvez, obras como a de Jeferson Tenório possam trazer uma parcela de resposta para esse problema.

Víamos ao mundo de maneira crua e passamos o resto da vida buscando um certo ponto de cozimento, mas é difícil achar o sinal que nos mostra que realmente estamos prontos. É claro que existem pessoas como Pedro, a quem falta ancestralidade, e por isso tendem a se machucar e repetir os mesmos erros de seus pais. Da mesma forma, existem pessoas que estão na busca constante de auto-compreensão pelo medo de se aventurar na montanha russa de emoções que é amar.

Confesso que escrevo esse texto sem a resposta de como comprar e ser um bom cliente do amor, mas sei bem que pertencer é o caminho e aventurar-se é necessário. Também não sei qual é o ponto em que a ancestralidade se faz presente o suficiente para nos ajudar a traçar um futuro, mas sei que, como disse

Einstein: “O que há de melhor no homem somente desabrocha quando se envolve em uma comunidade”. Ou seja, não será fechados em nós mesmos que encontraremos uma resposta.

Mariana Fernandes | Ensino Médio

E.E. CÉLIA RIBEIRO LANDIM – SÃO PAULO, SP

*“Como conviver
com a possibilidade de ver
o tamanho da vida?”*

Alice Ruiz

Eu acordo em um quarto de hóspedes no décimo sexto andar de um prédio localizado em Higienópolis.

Tenho dificuldade em explicar o quão importante foi acordar ali, por você não saber como são as coisas em São Paulo, mas estou gostando de tentar.

Para ser sincera, eu também não sei como funcionam as coisas em São Paulo. Mas todos os cenários em meu dia ideal são nessa cidade. Minha Ítaca é entre rios que já foram sinônimo de vida, mas essa vida é coberta agora por concreto e ele é coberto por pessoas, sinônimos

também de vida. No meu dia ideal eu estudo sobre pessoas, rios e vida, em vários lugares, menos na escola.

Todos os dias eu acordo também em um prédio, mas o prédio está no outro lado do rio, em Itaim Paulista.

São Paulo é traçada por rios, e no meu dia ideal eu estou do outro lado. Tomo meu café da manhã com barras de cereal que adoro, enquanto encaro a vista dos mais altos prédios e mansões antigas cheias de história, mas meu dia começa com silêncio. No meu dia não-ideal eu encaro barracas feitas de madeira onde moram mais de seis pessoas e as histórias delas não envolvem mansões, a trilha sonora da manhã é a serra do marceneiro, meu vizinho.

Agora que escrevi, penso que meu dia ideal ainda não está ideal.

São Paulo é dividida por rios, e eu quero estar na margem boa do rio, mas meu dia só seria ideal com um barco em que eu trouxesse meus amigos, família e até o vizinho marcenei-

ro, que ficaram na parte infértil do rio. Só me sinto completa depois de ler com eles poesias em frente ao Jardim da Independência. Você não sabe, mas lá é lindo.

No meu dia ideal acontece uma enchente com a qual deixam de existir os lados dos rios. Vamos a um bistrô onde vou odiar a comida porque não fui ensinada a ter um paladar refinado, mas tudo bem, porque no meu dia ideal eu estou em busca de só conhecer.

Meu dia acaba em algum lugar que não é Higienópolis nem Itaim Paulista, talvez ainda seja São Paulo, não conheci esse lugar, mas ele é sinônimo de vida e minha nova vista são as árvores e o rosto do meu namorado que fala “eu te amo” antes de dormirmos. Acabo dormindo com a janela aberta para o mundo, porque São Paulo é linda e me ensinou o melhor do mundo.

Clara Luiza Santos Silva | Ensino Médio
E.E. CÉLIA RIBEIRO LANDIM – SÃO PAULO, SP

*“Nenhuma vivência foi ínfima demais
e o menor acontecimento se desdobra
como um destino,
o próprio destino é como um tecido
maravilhoso, amplo,
no qual cada fio é conduzido por dedos de
uma delicadeza infinita,
ligado a centenas de outros
que o sustentam.”*

Rainer Maria Rilke

São Paulo, 13 de outubro de 2023.

Prezado senhor Rilke,

É com grande alegria que lhe escrevo essa carta. Refleti durante um tempo se enviaria ou não, afinal ela pode nunca chegar a ti. Mesmo

assim, em uma madrugada, me perguntei: “Preciso escrever?” E a resposta se fez um “Preciso”. (Enquanto duvidava, você se sentou ao meu lado. Já não estou mais só).

Em sua primeira carta ao jovem Franz Kappus, o senhor ensina a importância de voltar-se a si, pois o momento de reflexão solitária fará com que o desenvolver da alma seja leve, com calma em se conhecer, ou seja, uma solidão necessária para entender os desejos invisíveis aos olhos.

Na terceira carta, me mostra que o refletir faz as ideias surgirem do interior, em um amadurecimento que faz a ideia se desenvolver em um pensamento que é próprio, que se encaminha pra luz.

Caro Rilke, durante um tempo me perguntei como posso amar a solidão. Em sua quarta carta, o senhor me responde, mostrando que a solidão nos leva para momentos de reflexão e nos conecta com o mais profundo de nós mesmos.

Em sua sétima carta, você conta sobre o

amor e a necessidade de aprendê-lo. Posso dizer que a tenho como uma de minhas preferidas. Ao dizer “os jovens precisam aprender a amar”, me fez pensar em como o amor pode ser ensinado, e que para chegar nele temos fases. A solidão voluntária com a qual você se conhece para conhecer o outro, a escuta, a fala, nesses processos ambos amadurecem, o que torna o amor um eterno crescimento.

Agradeço ao Kappus por guardar as cartas e pelas maravilhosas perguntas. E te agradeço, Rilke, por ensiná-lo e nos ensinar.

Existe uma frase que diz: “Tudo que nós amamos, outros amarão, e nós os ensinaremos como”. Essa frase me lembra você, caro Rilke.

Com toda admiração e simpatia,
Clara

*“O humano chega
aonde chega o amor,
não têm fronteiras a
não ser que lhe damos.”*
Ítalo Calvino

deixa eu te levar pra tomar um café
no meu mundo favorito
onde as manhãs têm um belo sol no céu
[e um lindo azul
com várias pontinhas brancas de amor
[evaporado
que em união banham as cabeças

com tardes amenas
mas onde as emoções parecem mais fortes
com uma brisa leve que aquece o peito
e noites mais frias

pra eu poder me deitar com um bom chá
e me aquecer no seu peito

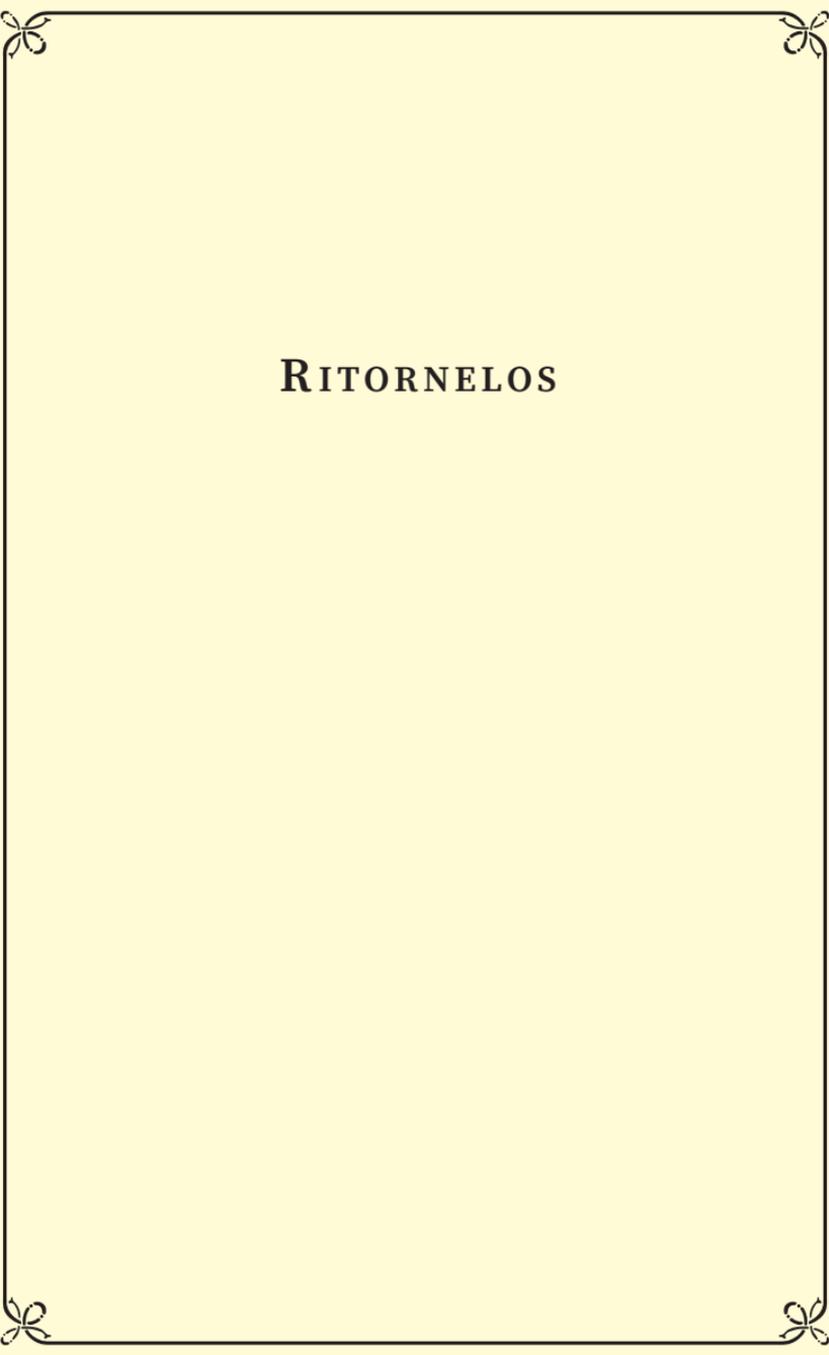
mas cuidado amor
no meu mundo
existe muito amor
mas aqui todos os sentimentos se movem
existe muita alegria
mas também muita tristeza
muito já passou
e ainda transpassa
estar neste mundo é ser casulo
e abraçar transformações
me encontro em constante fusão
atravessando memórias
das quais muitas
eu não vivi
mas o amor me conecta a elas

me reinvento sempre que posso
para que na lua cheia
eu seja metamorfose
para que antes fosse
a meta de fases
pois após tantas amarras
me cansei de amores
rasos e rápidos demais para que eu pudesse
[tocar

ao meu lado serão expostas todas suas feridas
e lhe remexerá o estômago
pensará em meu nome
mas encontrará a paz
quando ver que em mim
você encontra ainda mais de você

antes de me amar
me reconheça
pois em mim
sempre houve um pedaço seu
e sempre haverá
pois em ti
eu me enxergo
e encontro alguns pedaços perdidos

seja humano comigo
e seremos canção e reza
juntos
ao eterno próximo



RITORNELOS

O ritornelo é uma máquina de criação do tempo não cronológico. É preciso de uma coisa que se chama tempo para criar o tempo da imanência.

O ritornelo é uma transitoriedade, um movimento contínuo no qual pegamos carona para fora do tempo cronológico. É por meio dele que construímos o nosso território estável apesar do caos no lado de fora, mas também é por meio dele que nos tornamos capazes de abandonar esse território e enfrentar as forças do mundo, desde as mais violentas até as mais furtivas, que sequer percebemos de onde vêm.

Construir um território não é simples. É preciso um bocado de conhecimento sobre si e sobre o mundo. Por sorte, o ser humano

foi privilegiado pela capacidade de produzir e transmitir conhecimento usando signos e registrando-os, por exemplo, em livros. Além disso, mais do que em qualquer outro suporte, os livros transmitem esse saber fazendo uso dos afectos.

No entanto, para que eles produzam efeitos, precisamos, entre outros fatores, que uma velocidade específica provoque interferências no fluxo informativo em que estamos inseridos. E uma das formas de atingir essa velocidade é por meio do círculo de leitura, da repetição das leituras em grupo, das vozes que entoam a poesia e ganham a força de um mantra. Essa poesia também pode estar contida em uma música clássica ou num texto em prosa, e, segundo Aristóteles, é a poesia que modela a experiência da passagem da ignorância ao conhecimento.

Milênios depois da afirmação do filósofo grego, já somos capazes de compreender que

a poesia fixa a sensação do aprendizado, não apenas o que foi aprendido. Assim sendo, podemos dizer que a poesia cria ritornelos, conexões, passagens ou acessos ao que foi aprendido e que se sustém em um espaço que pertence a outro tempo, onde podemos respirar sem que as convenções nos asfixiem, como descreveu a Isabella Postigo em sua própria poesia.

Nesse espaço construído pela sensação do aprendizado, temos força para suportar o peso por vezes opressivo dos deveres e das decisões sem que a pressão pela escolha certa nos prejudique e sem que a ansiedade nos atrapalhe de conquistar algo que almejamos. Não é por acaso, portanto, que alguns textos nesta coletânea citam o *Kouros*, obra de Níkos Kazantzákis, e o tempo kairótico.

Sem que seja necessário discutir com os jovens conceitos como os afectos e o ritornelo, eles recorrem aos textos que lhes ensina-

ram que “há tempo para tudo”, como afirma Giulia Moraes. E é por prover esse acesso imediato ao conhecimento que o ritornelo cria imanência, um centro de gravidade que nos equilibra em momentos de abalo, pois ao acessar o conhecimento acumulado durante a história da humanidade somos capazes de compreender melhor o que nos acontece e nos preparar para o que há de vir.

Isso só é possível porque esses textos vão “criando casca” nos jovens, uma casca que se assemelha menos à parte exterior de uma árvore e mais ao casco de barco que também é casa. Como faz parte da experimentação a que foram encorajados, os jovens mergulham no mar, experimentam uma outra velocidade, um outro fluxo, veem o que há ali sob a superfície e pescam algo que os alimente. Entretanto, como não há fôlego que resista indefinidamente ao movimento contínuo da maré, voltam ao barco-casa onde sabem-se a salvo de tubarões e da asfixia das águas, e

podem, por vezes, retornar à terra trazendo o que não havia nela, assim como depois podem levar para seu barco algo que lhes seja útil no futuro.

Habitados a esse movimento de sair de casa e voltar a ela, não se deixam paralisar facilmente, e isso se dá também ao tipo de conhecimento a que têm o acesso garantido pelos ritornelos, um conhecimento ancestral que não é mais algo distante, pois está aqui, apreenderam-no *de cor* e fazem uso dele com suas próprias ideias, suas próprias palavras.

Antonio Vanuti Galvão da Silva | Ex-aluno
E.E.E.P. MANOEL MANO – CRATEÚS, CE

*“Podei a roseira no momento certo
e viajei muitos dias
aprendendo de vez
que se deve esperar biblicamente
pela hora das coisas.”*

Adélia Prado

Hoje vim falar do momento kairótico, o momento certo, o momento oportuno. As obras do Programa Círculos de Leitura costumam nos ensinar a acreditar nesse momento certo. “Kouros”, “Fernão Capelo Gaivota”, “Noites Brancas”, por exemplo, nos mostram que todas as coisas chegam e se realizam no momento que têm que acontecer, no tempo kairótico, que inclui o inesperado, e em que nem sempre é possível prever antecipadamente como agir, por isso o importante é estar preparado.

O rei Minos, em “Kouros”, com a sabedoria de quem viveu muitos anos, pede ao jovem guerreiro Teseu que não tenha pressa. Fernão Capelo Gaivota era aluno e se tornou mestre para ensinar outras gaivotas a tentar o novo, conquistar novos voos. Nástenka chegou de forma inesperada na vida do Sonhador e esse encontro possibilitou que ele se reconciliasse com sua própria história. Percebemos que, em diferentes obras, o momento oportuno aparece como mediador da felicidade.

Esse ano consegui realizar um dos maiores sonhos da minha vida, cursar Medicina. Depois de dez anos tentando, o meu momento chegou, o meu momento kairótico apareceu. Talvez se eu não tivesse persistido assim como Fernão, ou não tivesse pessoas sábias como o Rei Minos no meu convívio, ou se não tivesse encontros genuínos e o amor de amigo, assim como o do Sonhador e da Nástenka, a realização desse sonho não teria acontecido.

As obras trabalhadas no Círculos de Leitura, por meio de diferentes ensinamentos, fazem

parte do meu cotidiano, assim como das pessoas que conseguem se entregar aos grupos de leitura e adentrar nesse tempo mágico.

Todo momento de Kairós é uma oportunidade; oportunidade de ensinar, aprender, compartilhar o amor, o inesperado; oportunidade de aprender a esperar, de aprender a confiar que o processo pode ser doloroso, mas que o momento oportuno chega para todos aqueles que perseveram e confiam no seu potencial. Esse é o tempo oportuno, o tempo de plenitude a que algo chegou e vai eclodir, o nascimento no seu tempo de vir à luz. As oportunidades que aparecem na vida chegam junto com nossa capacidade de enxergá-las, e então percebemos o quanto todos os ensinamentos durante o processo foram necessários. Quando chegamos lá, nos sentimos felizes e preparados para viver com grande júbilo e gratidão o nosso momento perfeito.

Moisés Caetano | Ex-aluno

PROJETO AQUARELA – SÃO PAULO, SP

*“Muitas vezes um livro revela para gente
um lado nosso ainda desconhecido.
Lado, tendência, processo de expressão, tudo.
O livro não faz mais do que apressar
a apropriação do que é da gente.”*

Mário de Andrade

Coloquei uma das músicas citadas no livro para tocar, escrevi alguns poemas... Precisei adentrar esse tempo e ser tomado pela arte.

No processo de escrita do presente texto, pensei sobre as lembranças da leitura e percebi que tais lembranças são linhas escritas a partir dos caminhos das obras. São registros do diário de bordo da nossa jornada, essa grande viagem que a arte nos proporciona.

A música que escutei coincidentemente chamava-se “Imagens”, imagens essas que

eu precisei pintar na minha imaginação para lidar com a obra. A partir dessas imagens pude, de certa maneira, percorrer um possível caminho da obra.

A ideia de tentar refazer o caminho do livro se deu quando me lembrei de algo que faço quando preciso recordar de uma coisa que sei, mas me foge à memória, ou seja, uma dessas técnicas muito eficientes que aprendemos com os mais velhos: eu refaço caminhos, repito o que estava fazendo antes de me esquecer. No caso da leitura, achei que poderia adaptar essa técnica, não para lembrar, mas para adentrar e entender melhor o livro.

Decidi escrever e compartilhar minha jornada na tentativa de transcrever meus sentimentos em relação à obra que lia, além de recomendar “O avesso da pele”, essa história que mexe com nossos sentimentos. Ela fala sobre a necessidade dos afetos, da importância de uma profunda discussão acerca da construção da subjetividade de uma pessoa

negra, e como o racismo é prejudicial para essa construção.

A ideia deste escrito é que você, leitor, leia e escute como me senti. Para tanto é importante que te conte, antes, um pouco a respeito do que os livros são para mim. As obras, como aprendi outrora com as leituras, são amigos íntimos com os quais é possível trocar ideias, confidenciar pensamentos e os sentimentos mais nossos, na certeza de que seremos compreendidos. Sabemos disso no momento em que lemos algo sobre o qual já havíamos refletido a respeito, mas não conseguimos formular, porém o autor conseguiu.

Lorena Luna Alves | Ensino Médio

E.E.E.P. IRMÃ ANA ZÉLIA DA FONSECA – MILAGRES, CE

*“Basta um entardecer de inverno,
o vento ao redor da casa, um fogo claro,
para que uma alma dolorosa fale,
ao mesmo tempo,
de suas lembranças e de suas penas.”*

Gaston Bachelard

Cara Eveline,

Ao ler sua história, entrar em seus pensamentos e entender seus sentimentos, lembrei-me dessa frase de Sêneca que, se pudesse, mostraria a você antes de sua partida: “A coragem conduz às estrelas. E o medo à morte”.

Eveline, sinto que, assim como eu, você tem medo do novo, medo de se desprender do desejo do outro para entregar-se a si mesma,

para conduzir-se ao seu mundo. Às vezes temos medo, congelamos frente as nossas escolhas, mas a diferença entre viver e observar está na coragem de se arriscar.

Gostaria de te apresentar a inúmeras obras, mas hoje peço-lhe atenção apenas ao que vou te dizer: o amor é tudo aquilo que tocamos, tudo aquilo que vemos, sentimos ou que nos rodeia, o amor está no todo, está na chuva que cai sobre nossos dedos suavemente e nos faz recomeçar. Eveline, a maior beleza está naquilo que constantemente é posto na penumbra. Minha querida, gostaria que você soubesse como há amor em você e em tudo a sua volta, e quanto ainda há para descobrir e recomeçar.

Quando você congelou perante o navio, perante a partida do seu amado, pude sentir o medo te consumindo, e foi naquele momento que o amor te abandonou. Eveline, escrevi essa carta não só para te dizer algo, mas por querer que todas as Evelines possam se libertar para viver

por si mesmas e viver os amores verdadeiros,
daqueles que nos conduzem para as estrelas.

Atenciosamente,
Lorena

Lorena Luna Alves | Ensino Médio

E.E.E.P. IRMÃ ANA ZÉLIA DA FONSECA – MILAGRES, CE

*“Se a uva é feita de vinho,
talvez a gente seja
as palavras que contam
o que a gente é.”*

Eduardo Galeano

As pontas dos dedos geladas
Enquanto percorro inúmeras estradas
A fim de chegar a um lugar
Onde eu possa sentir a essência do ser

Nessas páginas amarelas
Envoltas em sentimento e poesia
Sempre encontro
A maior das magias

Quero me eternizar nesse lugar
Quero ser como os aedos

Quero sempre me encontrar,
Sentir as palavras entre os dedos
Sinto meu coração partilhar
E em cada roda de ternura
Descubro a imensidão
de vida na leitura.

Ionara Kelly de Lima Santos

Professora

E.E.E.P. FRAN. DE ALBUQUERQUE MOURA – CEDRO, CE

*“O amor sempre foi para mim
o maior dos negócios,
ou o melhor, o único.”*

Stendhal

Queridos leitores das divinas obras do Círculos de Leitura,

Ao me deparar com o repertório lido no Círculos de Leitura, não pude deixar de me admirar sobre como o trabalho do amor se manifesta constantemente nas obras e nas várias pessoas que estão por trás de cada detalhe deste programa. Por isso, trago um texto referente a esse sentimento que se encontra na vida de todos nós.

O que é o amor?

Chiang, antes de partir, disse a Fernão, como suas últimas palavras, que ele continuasse a trabalhar no amor. Foi por conta desse amor que Fernão decidiu voltar àquele bando que o tinha expulsado. Durante os encontros, ouvi muitos dizerem que não fariam o que Fernão fez, voltar para a terra, para o povo que não acreditou nele e nem em seus sonhos. Isso pode nos levar a questionar: o que é o amor? Quem merece o amor?

O sentimento *amor* é um só, entretanto as formas de expressá-lo são o que o torna diferente. Fernão nunca perdeu a essência do amor, e quando conseguiu se encontrar e confirmar seu objetivo, recebeu bem as palavras do sábio e quis voltar à terra, levando consigo um amor amadurecido, que é a sabedoria. A gaviota que voltou à terra não era mais uma sonhadora, era uma sábia, e uma prova disso é que não mede quem merece ou não receber todo esse amor. Amar quem nos ama é muito

bom e fácil, mas amar quem nos machucou é difícil demais. E somente aqueles que têm a verdadeira essência do amor conseguem guardar a pureza do amar.

Não estou falando aqui que o amor é se humilhar ou permanecer em certos relacionamentos que nos machucam. Quando no “Pequeno Príncipe” a raposa conversa com o príncipezinho e fala “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”, não é apenas sobre o amor do outro, mas de si mesmo primeiro. E quando o amor próprio não é prioridade e/ou quando o outro não te passa a essência do amor, é hora de quebrar ciclos, pois somos responsáveis até o momento em que há o cativar, e quando não faz mais sentido, não precisamos permanecer. E isso não é sobre ser ingrato, pois o que cativou fica, porém a sabedoria nos permite nos despedir.

E o que dizer do amor no luto, como na obra “Caminhos de Homero”, que o personagem do título teve que enfrentar? Quantos questionamentos são feitos durante a morte

de alguém que amamos e que carga pesada é continuar o amor sem um dos amores no contato físico! No entanto, o amor vem para nos ensinar que as memórias nos fazem sorrir pelas diferentes formas que a vida proporciona com as pessoas amadas.

Também podemos lembrar da obra “Kouros”, em que Kazantzákis reescreve o final da lenda de Teseu e nos mostra o tempo, o caráter e o destino. “Nem matar, nem morrer, mas sim transformar”. E o que seria esse transformar senão dar espaço para que o trabalho do amor possa adentrar? O jovem Teseu só conseguiu descobrir como realizar a tarefa quando ele compreendeu por que estava conectado com sua força interior. E por que não pensar nessa força como o amor?

De quantas formas o amor se manifesta, não é mesmo? Quantas oportunidades há na vida para transmitir o trabalho do amor!

Com muito amor,
Ionara Santos

Luana Silva Rodrigues Castro Liberto

Professora

E.T.E.C. DRA. RUTH CARDOSO – SÃO VICENTE, SP

“Meu Deus!

Um momento inteiro de felicidade!

*Não será isto o bastante para inundar
toda uma vida?”*

Fiódor Dostoiévski

Acalentei o meu coração com os versos de Dostoiévski, que nos brindou com a magnificência das “Noites Brancas”. O brilho opalescente da lua, como um guia nos céus, inspirou-me a dedicar-lhe estas linhas embebidas na essência daquela época áurea.

Assim como o protagonista da obra, mergulhei nas brumas da solidão, desenhando em minha alma as inquietudes e esperanças de uma noite etérea, onde o amor brota como uma flor rara no jardim da existência. Sob a

luz trêmula das estrelas, encontrei-me com os suspiros da alma humana, ansiando por um amor que transcende a efemeridade das horas.

Caminhando pelas ruas de lama da cidade, pude vislumbrar o espetáculo da vida em suas nuances mais tristes e belas. O eco dos passos solitários ressoava enquanto o aroma da chuva fresca acariciava os meus sentidos, como se a própria natureza compartilhasse da melancolia que permeia os corações dos que são apaixonados.

Através das páginas de Dostoiévski, vislumbrei a verdade crua da condição humana, desnudada em sua complexidade e fragilidade. Cada personagem, cada diálogo, era um reflexo da luta perpétua entre o desejo e a resignação, entre a luz e a escuridão, entre a esperança e o desencanto.

No silêncio noturno, sob a penumbra, dei vazão às minhas próprias reflexões. Percebi que, como o narrador de Dostoiévski, somos todos viajantes nesta jornada efêmera, em busca de um sentido que muitas vezes se

esconde nas sombras do desconhecido.

Que esta carta sirva como um tributo à beleza atemporal de “Noites Brancas”, à genialidade de Dostoiévski e à eterna busca pela verdadeira essência do amor e da existência. Que possamos, como os personagens da obra, encontrar o consolo na companhia daqueles que compartilham nossas inquietações e sonhos.

Com sincera admiração pelos caminhos literários que nos conduzem à alma da humanidade.

Escrita com amor,
Luana

Maria de Fátima Souza Bezerra

Professora

**E.E.E.P. PROF. GUSTAVO AUGUSTO LIMA –
LAVRAS DA MANGABEIRA, CE**

*“Fora ele criado
Para habitar um instante que fosse
Nas vizinhanças do teu coração?”*

Uma boneca nos conduziu por uma viagem mundo afora. Todas as quartas-feiras embarcávamos numa rota diferente, encantadora, repleta de aventuras. O ponto de partida se deu em meio a um emaranhado de sentimentos um tanto sôfregos: uma menina chorosa pela perda de um brinquedo querido era consolada por um generoso senhor: Kafka. O banco de uma praça foi nosso lugar de partida, as lágrimas de uma garotinha nosso porto, a embarcação rumava ao acaso responsável por nos proteger

enquanto andarmos distraídos, diz a canção.

Aprendemos, junto com Elsi, a lidar com o imprevisível, a transformar o lamento da perda em consolo, usando a imaginação a nosso favor e distraídos pelas inúmeras aventuras que Brígida nos proporcionou. O sofrimento findava, pois, a cada nova rota, era dissipado na imensidão dos continentes percorridos pela boneca viajante e por nós, fiéis passageiros

Passageiro – o que é efêmero. Não há dor que dure para sempre, tudo é temporário, diz o poeta ^(*). Elsi ensinou Brígida, e nos ensinou, a velejar na efemeridade dos acontecimentos. Nossos conflitos, inúmeros, passaram a ser percebidos com outro olhar. Não mais fatigado, circular, vicioso. A boneca nos abriu um mundo de possibilidades, para além dos pontos geográficos percorridos. Cada lugar nos trouxe também conhecimento subjetivo.

Elsi passa pelo México, um país em que O Dia dos Mortos é celebração, cores e vida, não pesar. Ali aprendemos, juntamente com

^(*) *Chico Buarque*

Brígida, outra forma de lidar com a memória de quem partiu, tornando-a mais leve. A Europa e suas cidades reluzentes nos trouxeram euforia e aumento da capacidade de visão, um mundo possível para nós? Por que não?

No Saara, um convite a ressignificar nossos desertos. A Ásia nos expôs ao desafio de lidar com o estranho, com as diferenças e o respeito imprescindível a tal condição – a diferença

Sem mais, sem dor, perto do fim, como diz a canção, nossa viagem é finalizada no mesmo lugar da partida. O banco da praça continuava lá à espera do nosso retorno. O generoso senhor a presentear a garotinha, agora não mais chorosa. Uma nova boneca, uma nova Brígida. E a nós, um novo mundo. A leitura e seu poder encantador de nos mostrar o novo, o mundo em viagens, como esta, inesquecíveis.

Julia Aquino Bezerra

Ensino Fundamental 2

E.E. DEP. MANOEL DA NÓBREGA – SÃO PAULO, SP

*“Se partires um dia rumo a Ítaca
Faz votos de que o caminho seja longo
repleto de aventuras, repleto de saber.”*

Konstantínos Kaváfis

Apenas uma palavra mágica

Era tão simples Dorothy voltar para casa, só falar algumas palavras e bater com seus sapatinhos que em um passe de mágica estaria de volta ao seu lar, mas aí está uma coisa que me marcou: Por que Dorothy não voltou para casa tão rápido quanto podia?

Talvez porque ela intuía que o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão precisavam da sua ajuda para descobrir que o que tanto queriam já estava neles, mas só emergiria durante o

caminho, na convivência com os outros.

No nosso dia a dia sentimos que não somos capazes ou suficientes, mas será que realmente não somos? Ou nos falta uma confirmação, uma pessoa para nos apoiar e confiar em nosso potencial?

Os três personagens precisavam de alguém que os apoiasse e, acima de tudo, uma amizade verdadeira, daquelas que revelam a nós mesmos quem somos e nos ajudam a construir o nosso ser.

Todos nós precisamos de uma amizade, assim como em “O Mágico de Oz”, onde os três protagonistas precisam de Dorothy para conseguir as habilidades tão sonhadas, mas, opa, o Leão já tinha sua coragem dentro de si, o Homem de Lata já tinha coração e o Espantalho já tinha um cérebro. Eles até usaram o que tanto queriam no decorrer do livro, só não perceberam. Eles já tinham o dom, mas queriam que o Mágico reconhecesse que, no caminho, eles já tinham conquistado tudo o queriam.

Aprendi com esse livro a importância de ter um propósito e de encontrar amigos que nos ajudem a realizá-lo.

Peter Gama de Araújo Ferreira

Ensino Médio

E.E. CÉLIA RIBEIRO LANDIM – SÃO PAULO, SP

*“O que é mais difícil?
O que parece fácil:
Poder ver com os olhos,
o que tem diante deles.”*

Goethe

Athenas, 13 de dezembro de 6 a.C.

Querido Teseu,

Como pode ver, estou em Atenas agora. Este tem se tornado meu novo lar desde que você pegou o meu trono (algo que já superei, mas ainda não esqueci). Eu percebi que, de fato, este é o meu lugar. Gosto de ser normal, não ter de fingir ou ser a “temida filha de Minos”. Aqui posso fazer minhas próprias escolhas e ser a pessoa que desejo ser. É isto o que quero

Assim como você quando nos conhecemos, eu luto incessantemente para me tornar a mulher que quero ser. E hoje percebo que essa mulher não é a “Rainha de Creta”, mas a “viajante Ariadne”.

Penso que eu realmente não nasci para governar o mundo. Ainda que me convenesse de que isso seria o melhor para mim, para meu pai e para o povo, não deixaria de ser uma grande mentira que me sufocava e me cerceava.

Eu nunca recebi um “não”, sequer de mim mesma. Por isso, receber a primeira negativa em algo tão importante e significativo me feriu demais, e, depois, tudo que aconteceu foi porque eu estava magoada. Precisava culpar alguém, e, infelizmente, foi você quem escolhi a fim de aliviar a minha própria consciência. Foi difícil entender e aceitar que a herdeira já não era mais eu.

Eu senti raiva. Você não era daquela terra e aquele povo não era o seu, mas agora entendo. Somos ancestrais, de um tempo tão longínquo

que sequer consigo imaginar. Também por isso entendo agora que meu povo é seu povo. Sem estranhamento, te aceitei como Rei. Meu Eu não poderia ter feito escolha melhor, não apenas para Creta, mas também para mim. Vivi tanto tempo presa que a liberdade me assustava. Agora, no entanto, posso dizer que sou livre e tenho amor por essa conquista. As responsabilidades de rainha não iriam me fazer bem, e sinto que agora, em Atenas, estou em meu tempo kairótico, no meu tempo certo.

Teseu, essa história era sobre você, e jamais poderia ser sobre nós. Mesmo que eu quisesse, não fomos feitos um para o outro, e agradeço por não termos ficado juntos.

Eu precisava de mim, descobrir minha própria identidade além de futura rainha, e essas vicissitudes pelas quais passei me fizeram perceber quem eu realmente sou.

Eu sou a filha mais velha de Minos, a filha de Pasiphae, que foi beijada pelos deuses. Eu sou a irmã do deus que agora é amigo dos

homens, o Minotauro. Eu serei eternamente a princesa Ariadne! Me olhe nos olhos, converse comigo, perceba que nada nos separa além de um título. Afinal de que isso vale? Eu sou livre, sou guerreira e sou dona do meu destino.

Não tenho raiva de você e nem guardo ressentimentos. Na verdade, escrevo esta carta a fim de me desculpar pela raiva que senti quando você resistiu a mim e ao meu amor. Hoje percebo que, assim como eu, você não é obrigado a amar alguém a quem o sentimento não surge de forma genuína. Assim como eu, você é dono do seu destino.

O Minotauro não foi o único a ser transformado. Gostaria de te dizer que serei eternamente grata por me mudar, mesmo que não fosse seu propósito.

Além de viajante, me tornei flautista. Enquanto te escrevo, penso qual lugar do mundo quero conhecer, quais pessoas irei tocar com a minha música, que tem um poder muito maior que o de uma rainha. Quero mostrar

o quanto sou livre, e o quanto aprecio este sentimento.

Mais uma vez, te agradeço por me proporcionar a oportunidade de mudar e me conhecer. Hoje vejo que a vida em Creta não me serve mais.

Sinto saudades de você, do meu pai, do meu irmão e do meu povo. Irei visitá-los em breve. Esta carta é a maior demonstração que posso dar de que mudei e agora sinto que o antigo ódio por você se transformou em compreensão.

Obrigada, Teseu.

Ariadne

Wes Mariano | Ex-aluno

E.E. CAP. SÉRGIO PAULO MUNIZ PIMENTA – SÃO PAULO, SP

“Lembra que o sono é sagrado

E alimenta de horizontes

O tempo acordado de viver”

Beto Guedes / Ronaldo Bastos

Minhas noites com Sonhador e Nastenka

Quinze anos atrás, estava eu lá, na noite em que Sonhador e Nástenka fecharam um acordo em São Petersburgo, cidade na Rússia: “eu estarei lá contigo”. E eu também estaria lá com eles. Esse tema, do estar junto ao Outro sempre me pegava no laço e me fazia ficar até o fim de qualquer leitura que fosse de “Noites Brancas”, de Fiódor Dostoiévski — e essa leitura muitas vezes aparecia junto ao feliz encontro de leituras de clássicos como “Mágico de Oz” e também “O Pequeno Príncipe”, afinal, como

dizia o poeta, “é impossível ser feliz sozinho”.

Além desse acordo, me lembro que me toca o coração até hoje a passagem em que, ainda na primeira noite, a personagem pede e alerta ao pobre Sonhador: “não se apaixone por mim”. Uma frase clichê-deprê daqueles que, assim como eu, entendem que não é qualquer um que vai poder e conseguir voar em nosso furacão interno. Explico: poucos são como o Sonhador ou como Dorothy Gale, que, além de voar no furacão, ainda dormiu e preparou o coração para uma grande aventura.

Mas a aventura que menciono aqui, em minhas memórias de “Noites Brancas”, é a aventura de poder atravessar um amor.

Atraversiamo.

Sonhador e Nástenka devaneando, ambos, na ponte que faz essa ligação do “estarei lá contigo” mencionado aqui no primeiro parágrafo. Ou seja, atravessar até o outro lado junto ao *Outro* naquelas noites em que as noites eram melhores do que os dias do Sonhador.

Que delícia o sabor da juventude.

Como será que batia meu coração jovem de quinze anos atrás? Além dessa leitura, outra que fazia meu coração quase saltar pra fora do peito era “Romeu e Julieta”. Começava ali, por volta dos 16, a suspeitar o que seria o amor — ou a dor do — amor romântico. Com saudade dessas leituras, hoje, quase aos 31, enfeitei toda minha casa como uma lembrança da própria Casinha na Rua Tinhorão, que me apresentou o livro da minha vida. São paredes e paredes cobertas com livros, em todos os cômodos da casa.

Fascinado ficava com essa decoração que, na realidade, era a vida da Casinha. E ainda é. Esse sim era o sabor da minha juventude: devorar cada estante da Casinha. Esse era o Wesley, jovem e sonhador.

Giulia Morais dos Santos | Ensino Médio
E.T.E.C. DRA. RUTH CARDOSO – SÃO VICENTE, SP

*“Livros como dádivas,
oferendas ou pontes para outros
e para zonas desconhecidas
de nós mesmos.”*

María Teresa Andruetto

A dádiva da leitura

O Projeto Círculos de Leitura cria espaços de encontros, reencontros, partilhas, histórias, reflexões e experiências que vão além da leitura em si. Viver o Círculo é aprender a ouvir o outro e se ouvir, pois nos conectamos com as situações apresentadas nas obras lidas, com nossas experiências pessoais e, especialmente, com as pessoas que participam do projeto, pessoas essas que víamos todos os dias na escola, mas não tínhamos a oportunidade de

conversar e realmente conhecê-las.

Os Círculos tem essa função de partilhar muito mais que os nossos pensamentos a respeito dos capítulos, ele é essencial em nos unir, nos tornar mais humanos, mais empáticos e mais amorosos, porque nele aprendemos a escutar ativamente o outro, a entender seu ponto de vista, concordando ou não, mas mantendo, acima de tudo, o respeito. É por meio dele também que transformamos nossos dias difíceis em leves, pois os Círculos é o lugar no qual podemos ser nós mesmos, é o momento do dia em que deixamos os problemas de lado e nos entregamos completamente à leitura que nos edifica, nos faz refletir e ensina a nos expressar.

Com a leitura de “Kouros”, de Níkos Kazantzákis, aprendemos que há tempo para tudo, entre eles o de meditar e o de estar em silêncio para escutar o que vem da alma, algo que nos ensina, assim, a mergulhar em nós mesmos. Esse som inexplicável que é o silêncio é capaz de nos conectar com o universo que

somos e com a voz interior que nos guia ao estado pensativo e equilibrado de agir. Esse som dura como um segundo de eternidade e nos eleva ao tempo kairótico, o tempo certo e qualitativo que nos isola de qualquer adversidade e ruído que a correria do dia a dia traz.

“Otelo — O mouro de Veneza”, de William Shakespeare, foi outra obra que lemos no Círculos de Leitura. Esse livro atravessa gerações porque nos ensina sobre o cuidado que devemos ter com as nossas emoções e com os relacionamentos que permeiam nossas vidas. O livro é um retrato dos comportamentos na sua forma mais radical, desde o amor, a inveja, a paixão, a raiva, até o ódio sem remorso, mostrando que os sentimentos em excesso são sempre prejudiciais.

É na sala de aula, por meio de um círculo, que histórias se entrecruzam, pessoas se aproximam, intensificando vínculos. Penso sempre como a história de Desdêmona e Otelo poderia ser diferente se tivessem amigos que pudessem alertá-los sobre o que estava acontecendo.

*“O Tao é o sopro que nunca morre.
É a mãe de toda criação.
É a raiz e o chão de toda alma.
A fonte do céu e da terra.”*
Tao Te Ching

Ojó Igbì Orisà Rè Wo
Eyè Kan Fo Orisà Sirè

É sobre afeto e carga ancestral
é sobre tudo que nos forma
tanto que me pergunto mas nunca acho resposta,
sobre cada gota de sangue que guarda memória
[e feridas
na boca do estômago que me enjoam,
sobre toda cicatriz que nos impede de amar

Ògún àjò e m̀nriwò, alá̀kòró àjò e m̀nriwò

Ògún pa lè pa lóònòn ògún àjò e mònriwò
Matü èè

É sobre nosso começo que beija o fim
escambado em margens
eu me sinto o fogo
e também fogueira
eu me sinto a própria guerra
sendo eu meu próprio abismo
eu sinto a fúria de um demônio
e moro no amor de Cristo

eu sinto raiva, sinto fúria,
e me pergunto todos os dias: onde está o afeto?
já que tudo me afeta
assim me faço guerreiro e poeta

em movimento tudo muda
que seja eu o afeto que afeta
e de costas cansadas
ainda abraço a minha carga

eu declaro a todos os oprimidos

que meu maior sonho é que não se tornem
[opressores

E desejo a toda barbárie
amor e empatia
por tudo que te falta
mas que da poesia transborda
desejo tudo que seja humano

moldando e transformando histórias
eu chamo de *arte*
toda vez que o vento se faz presente
em meus pulmões e me faz maresia
para que toda vez que eu soltar minha voz
eu possa corroer a ignorância
e transformar em poesia

eu lhe pergunto o que te inspira?
ser de arte a luta que inspira
e expira
sendo assim a beleza
como o olhar das crianças

para que toda manhã o caminho
seja semente de esperança
para que resista
e re exista

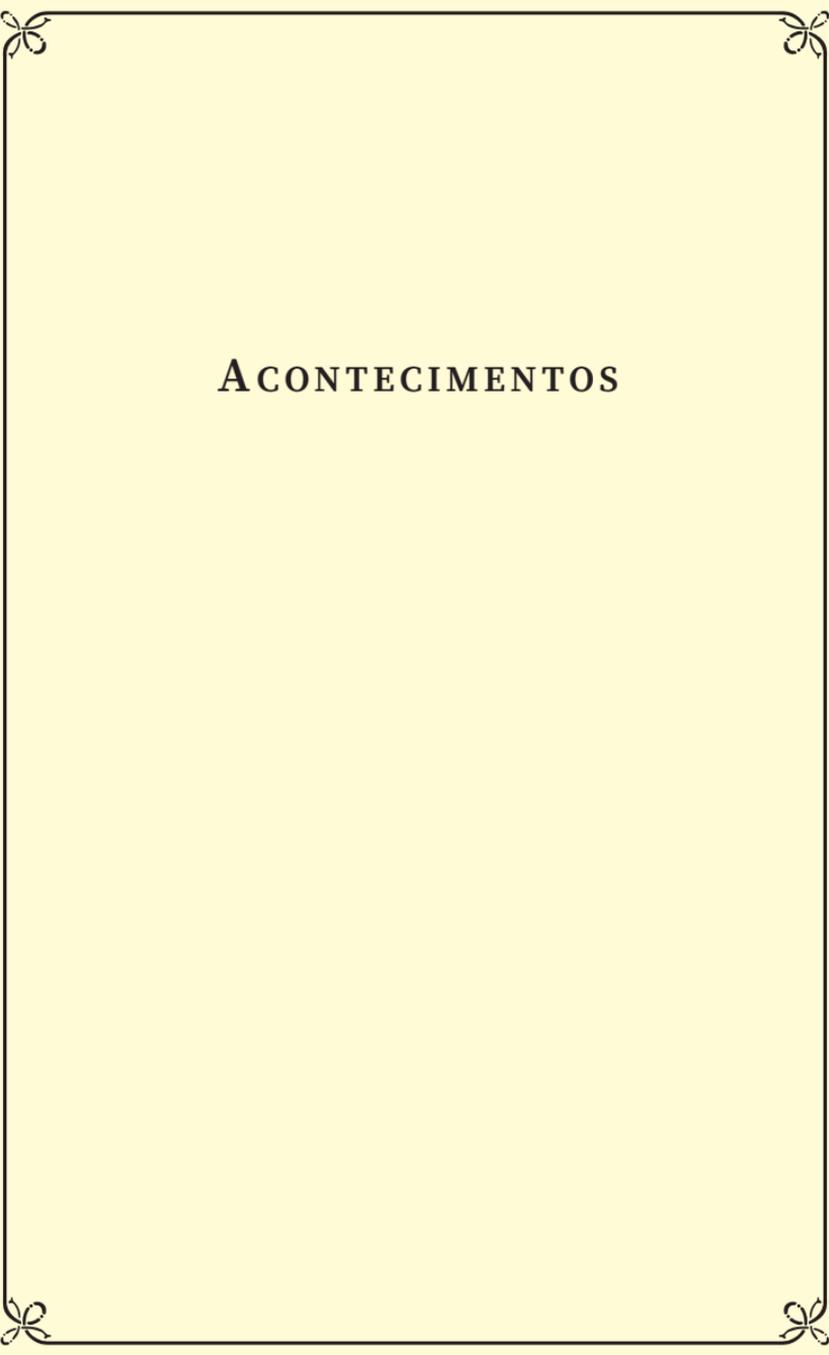
a poesia
guardando entre versos
ancestralidade e crença
sinto a guerra afeto
que afeta beleza

vivo ao avesso da pele
moldado por amor e raiva
lutando por afeto

sentindo peso
pela liberdade
que não voltou

respiro pela preta velha
de costas marcadas
que ainda assim
me abençoou

eu respiro amor
e espero que minha voz clame
junto às minhas cicatrizes
e que a luta vingue
mas não cubra afeto
para que não mais morra
ou mate
mas tudo transforme



ACONTECIMENTOS

Precisamos deixar evidente que não há uma gradação entre a experimentação dos afectos, o ritornelo e o acontecimento. Por vezes o acontecimento surge imediatamente após um afecto ou durante um ritornelo, como nos mostra o texto da Ciely Lima. Um não existe sem o outro, assim como sem um primeiro passo não existem os demais. Por isso o que importa é sempre o conjunto, seja ele de pessoas, de ideias, de ações ou de conquistas.

Dito isso, percebemos que os próximos textos tratam indiretamente do acontecimento ou de histórias com personagens exemplares tanto à capacidade de promover um acontecimento quanto à dificuldade de reconhecê-lo. Por exemplo, entre Aliocha e Kólia, personagens

de Dostoiévski citados em um texto do Renato Rocha, há um encontro genuíno, capaz de transformar Kólia. Já em outro texto do Renato, em que ele relembra o caso de Benzinho, o Dom Casmurro, tudo o que poderia ser um acontecimento passa despercebido pelo protagonista.

A importância desses personagens é imensa, pois não precisamos interpretar “o que o autor quis dizer” para que os jovens compreendam algo, nem direcionar ideias a uma resposta, já que ao serem afetados eles tomam para si os exemplos que os autores nos deixaram de herança e fazem-nos agir em suas vidas. Não por acaso vem daí a insistência em contar com essa sabedoria que nos é ofertada pelos elos culturais que a humanidade compartilha através dos séculos.

Sabemos que os afectos surgem desses elos, dessas conexões de forças promovidas por bons encontros, e que são essas conexões

que nos permitem atingir um conhecimento. Esse conhecimento promovido pelos afectos só pode ser atingido por meio de uma racionalidade sensível, ou seja, usando toda a capacidade do nosso aparato cognitivo. Tal forma de pensamento, um pensamento não apenas racional, mas sensível aos afectos, nos predispõe ao risco de experimentar um acontecimento.

Dizemos “risco” porque é preciso assumir o risco de pensar diferente para encontrar soluções para problemas sobre os quais não existem respostas prontas, sejam eles relacionados às angústias particulares, ao trabalho ou aos desafios que a sociedade enfrenta e enfrentará. E é o acontecimento, essa ordenação súbita do pensamento potencializado pelas sensações, que nos torna capazes de encontrar soluções.

O acontecimento é, portanto, o sentido. Ele é o salto de uma dimensão a outra, o mergulho,

a passagem do conhecimento superficial ao profundo. É ele que, em última instância, desejamos, pois é crescimento, e não apenas um crescimento pessoal. Todos ganham quando alguém o atinge, pois esse alguém já foi afetado e tem a capacidade de propor soluções não apenas para si, mas para a coletividade. Em uma palavra, esse alguém é um líder capaz de conduzir-se e conduzir, pois, parafraseando o poeta Manoel de Barros, já “morou em seus próprios abismos, foi exposto às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema”.

Mayra Evely da Silva Santos

Ensino Médio

E.E.E.P. GOV. VIRGÍLIO TÁVORA – CRATO, CE

“A voz natural, que pulsa no sangue e no fôlego.

*A voz que é elemento ativo do
corpo e ela mesma corpo
em que reside o germe vital de cada ser,
e o sopro que faz vibrar o universo inteiro.”*

Autor desconhecido

Todas as sextas-feiras, nos reuníamos para ler e partilhar experiências sobre a leitura. Não éramos um grupo muito grande (e nem muito participativo), e, talvez por conta disso, acabamos acostumados demais a pensamentos simplórios. A tímida partilha de ideias acontecia brevemente e logo regressávamos à leitura. Não havia nada de extraordinário.

Certo dia reparei em pequenos detalhes que não havia reparado antes. Era nossa

última reunião antes das férias. Estávamos cercados de risadas e conversas por todos os lados. Nosso grupo, entretanto, permanecia em um profundo estado de silêncio, mesmo quando alguém tentava rompê-lo. Uma colega multiplicadora sugeriu a leitura de um outro texto e perguntou quem poderia lê-lo. Uma menina, muito animada, ofereceu-se rapidamente para ler e iniciou a leitura no mais puro regozijo.

Observei a forma como ela leu cada palavra, e a maneira apaixonada como pronunciou cada uma delas. Brevemente, observei os outros participantes do grupo e me detive em seus rostos, percebendo que, assim como eu, eles também não entendiam o que estava acontecendo. É realmente possível que alguém ame tanto um aglomerado de letras? É possível que eles não compartilhassem da mesma admiração que eu, mas compartilhavam do mesmo espanto.

Vi vários pares de olhos confusos, buscando na memória o que fazia aquela situação ser

tão familiar. Ao fim da leitura, perguntei aos colegas do grupo o que eles haviam entendido, e a jovem que havia se oferecido para ler, sem qualquer inibição, ergueu sua mão para responder, escolhendo com muito capricho as palavras que considerava mais certas, de um jeito que só se aprende depois de muito treino.

Me ocorreu, pela primeira vez, que as personagens que tanto admiramos nas leituras, são mais reais do que imaginamos. Cheguei à conclusão de que aquela jovem fugia da mesmice, pois não se contentava em apenas saber voar, ela queria explorar todo o universo do voo, em um mundo que não compreendia o porquê de fazer mais que o necessário. Ela era como Fernão: desejava a perfeição e moldava cada palavra que lia, sempre buscando aprimorar aquilo que fazia.

Hoje nossos encontros acontecem às quintas-feiras, e as equipes são diferentes. Nunca mais tive oportunidade de conversar com a jovem que me lembrou tanto Fernão, mas às

vezes revivo aquele momento, me vejo pensando naquela leitora e me pergunto se ela está compartilhando seu amor pela leitura com outras pessoas. Será que essas pessoas conseguem enxergar a grandeza inefável por trás de cada palavra pronunciada por ela? Será que conseguem perceber sua semelhança com certa gaivota à procura de liberdade? Será que ela, assim como o personagem, encontrou parceiros de voo dispostos a conquistar a perfeição com ela?

Isabella Postigo | Ensino Médio

E.E. REV. TÉRCIO MORAES PEREIRA – SÃO PAULO, SP

*“O prazer não se esgota no fazer,
é no compartilhar
que se opera a química que gera vida
e anula as dificuldades”*

Gilberto Dimenstein

voltava para a casa
olhando as pessoas e ouvindo as músicas
[misturadas de fundo
observando a vida acontecendo ao meu redor
sentindo a brisa da noite me envolver
e a sensação que inundava o meu ser
o mesmo sentimento que senti no meu
[primeiro dia no Círculos
euforia
como se tivesse acabado de me afogar
e retornado à superfície
o fôlego voltando

como se o meu espírito voltasse ao corpo
suspirei fundo e soltei
nasci
de novo
não chorei dessa vez
mas, por uma fração de segundos
me senti
pura
leve
sem fardos
como a criança
com esperança e curiosidade sobre a vida
no suspiro, não me assustei mais
a asfixia que sentia sob as convenções que me
[assombravam
se desfez
e eu me sentia viva novamente
senti que precisava escrever,
precisava compartilhar.

Renato Rocha | Ex-aluno

E.E. REV. TÉRCIO MORAES PEREIRA – SÃO PAULO, SP

*“Existem milhares de “Kólias”
espalhados pelo mundo,
pessoas cujas vulnerabilidades
as impedem de buscar o belo na vida.”*

A leitura de Dostoiévski nos coloca em frente a um espelho em que podemos observar a nós mesmos sob diversos ângulos. Na obra “Os Irmãos Karamázov”, essa característica eleva-se a novos níveis, dada a variedade de personagens, situações e elementos que convergem para a criação de um retrato da alma humana extremamente preciso e sensível.

Uma trama usualmente tida como secundária se desenvolve ao longo da obra: a história do jovem Kólia, da perda de seu pai enquanto ainda era criança, do seu crescimento num núcleo familiar onde não teve uma criação que

impusesse limites ao gradativo florescimento do seu ego - processos que culminaram no desabrochar de um jovem autoritário, prepotente e tirânico.

Sua experiência no ambiente familiar o ensinou que quem fala mais alto, fala mais forte. A submissão da mãe ao próprio filho o levou a basear sua existência no postulado da lei do mais forte. Para tanto, era necessário que fosse forte, destemido, que demonstrasse capacidade de liderança e intimidação suficiente para subjugar outras pessoas.

Dessa forma, Dostoiévski nos apresenta um personagem de extrema fragilidade, que se compõe a partir de aparências: busca ser forte no seu exterior, mas carrega uma extrema vulnerabilidade no seu interior, repleto de desesperança e descrença pela humanidade, além da necessidade de ter o seu valor reconhecido, de ter sua existência validada.

Nesse sentido, Aliocha, um dos personagens principais da obra, surge como uma espécie de modelo para o jovem Kólia; alguém cuja opinião é importante, alguém a quem o jovem

admira. No encontro com Aliocha, Kólia revela o quanto era inseguro e, nesse momento, ocorre a purificação do personagem. Ao ter sua vulnerabilidade exposta e, no entanto, ter seu valor validado, a figura de Kólia torna-se menos subversiva, o ódio e a desesperança que carregava são catalisados em empatia pelos outros e em amor próprio - o personagem encontra redenção em si mesmo.

É sugestivo, portanto, o valor que enxergamos nesta história. Existem milhares de “Kólias” espalhados pelo mundo, pessoas cujas vulnerabilidades as impedem de buscar o belo na vida. É com bons encontros que nossas almas são curadas, e é na empatia que as pessoas encontram amparo. Aliocha soube reconhecer a fragilidade por trás da máscara de Kólia que, a partir desse reconhecimento, vivenciou uma transformação na sua natureza: de possível tirano para um eventual Aliocha na vida de outro jovem: alguém que compreende, ampara e abre os olhos de pessoas cujas dores as impedem de enxergar.

Renato Rocha | Ex-aluno

E.E. REV. TÉRCIO MORAES PEREIRA – SÃO PAULO, SP

*“Quando o ser humano
não consegue ir adiante,
ele se ajuda com o decreto lei,
ou com uma ação lei
— uma decisão rápida.”*

Novalis

Dentre as dezenas de razões pelas quais a obra “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, constitui-se como um dos pináculos da literatura nacional, salta aos meus pensamentos a sugestão interpretativa que Machado propõe, de maneira bastante sutil, da questão referente à renúncia inconsciente da própria vida.

Machado retirou da escola do ceticismo filosófico de Pascal e Montaigne, elementos que, para ele, eram inerentes à natureza humana: o traço inquietante, trágico e desconsolado da

vida que se reparte entre a ânsia da vontade e o temor da ação; da vida que se constitui em conflito consigo mesma, assentada sobre uma base racional que é constantemente des-norteada pela emoção; da vida que se propõe à busca de autossatisfação e, no entanto, é caracterizada pelo tédio e pela inquietude.

A própria descrição da vida como uma ópera — como descrita por Bentinho, logo no início da obra —, em que todos cumprimos papéis pré-determinados, induz à crença no fator mecânico da vida. A resignação perante os acontecimentos, nesse sentido, constitui-se como elemento primordial das ações humanas: o que há de ser, será. Esse é o pensamento de Bentinho que, embora não expresso por palavras, o é por seus atos.

Ignoro, nesse sentido, toda a questão que se refere ao relacionamento com Capitu. Embora parte fundamental da trama e da construção da personagem, o desenlace do relacionamento, a meu ver, se dá justamente a partir da inércia de Bentinho: sua renúncia ao

processo decisório de sua vida entrega o poder de decidir a todos a sua volta. É frustrante, portanto, acompanhar o desenrolar de uma vida cujas decisões não foram feitas a partir de si, mas dos outros. A constante angústia de saber o que quer, mas resignar-se perante o rumo dos acontecimentos, é fator determinante na construção do castelo de cartas que desmorona ao cabo do livro.

Há, ainda, algo de absurdista no enredo, algo que Camus viria a definir como o “estranheiro”; isto é, aquele indivíduo cuja vontade encontra-se imersa na apatia.

Embora Bentinho e Meursault caminhem em direções opostas no que se refere à construção do personagem, ambos convergem ao mesmo fim: o delírio e a solidão decorrentes de uma vida que não foi vivida, mas cujo caminho foi meramente trilhado.

Embora a menção à uma literatura existencialista se mostre exagerada neste contexto, não há que se negar o caráter embrionário de uma literatura intimista e de cunho introspec-

tivo que, se não foi inaugurada, foi ao menos fortificada com o advento de “Dom Casmurro”, obra na qual autores como Clarice Lispector, Lygia Telles e Caio Abreu encontraram um amplo poço de inspiração nas angústias de um personagem que, embora agraciado com uma vida, nunca soube o que fazer com ela.

Ciely da Silva Santos Lima | Ex-aluno
E.E. PADRE ROMEO MECCA – ITAPEVI, SP

*“[...] Mas improvisar
é ir de encontro ao Mundo,
ou confundir-se com ele.*

*Sáimos de casa
no fio de uma cançãozinha.”*

Gilles Deleuze e Félix Guattari

Casa

Quero começar a falar sobre a nostalgia e a emoção que senti ao ler a carta do Gustavo Cléber Silva dos Santos contando sobre a experiência dele no Círculos de Leitura. Ela me despertou a alegria em lembrar minha trajetória nos círculos e a transformação que os encontros me proporcionaram. Recordo-me que, quando o Círculos chegou na escola onde eu estudava, não sabia ao certo como

funcionava, só percebi a professora escolhendo alguns alunos para participarem do projeto.

Como não fui uma das alunas escolhidas, me levantei de minha cadeira e falei para a professora que eu gostaria de participar. A princípio ela não queria deixar, mas concordou depois de muita insistência minha.

No Círculos fui recebida por seus multiplicadores, que explicaram a metodologia de leitura e me ajudaram a perceber que eu devia estar exatamente naquele lugar. Cada encontro, cada história, as vozes dos alunos e multiplicadores, me cativaram. A conexão que tive naqueles encontros vai muito além da leitura, é libertadora.

Nesses últimos tempos, tive a oportunidade de retornar para o Círculos de Leitura. E como é bom voltar para casa, vivenciar, trocar novas experiências e sentidos. Como é bom estar em casa. Como é bom me sentir eu mesma.

O Círculos de Leitura vai muito além do ler porque provoca uma mudança transformadora e apaixonante quando nos conectamos

conosco e com o outro, permitindo conhecer, ouvir e encontrar significados.

Como é bom estar em casa. Saber que eu fui e sou parte do Círculos de Leitura, e que mesmo não sabendo quantas vidas impactamos através das leituras, elas saberão.

Como é bom estar em casa!

Como diria uma frase de uma canção de Lulu Santos: “me vê, que eu estou voltando pra casa outra vez!”

Janaina Santos Xavier | Professora
E.E. DEP. MANOEL DA NÓBREGA – SÃO PAULO, SP

*“Sobretudo e antes de mais, as obras!
Ou seja, exercício, exercício, exercício!
A ‘fé’ que lhe corresponde aparecerá.
— Disso podeis estar certos!”*

Friedrich Nietzsche

Nada, absolutamente nada, é por acaso

Recém-chegada à nova escola como professora da Sala de Leitura, além das diversas atividades que desenvolvia na Unidade Escolar, entrei em contato com o Instituto Braudel, o Curso Jovens Líderes, e fiquei responsável pelo Programa Círculos de Leitura, em que era lido o “O Mágico de Oz”.

Sinceramente, no início desse processo, em abril de 2023, não conseguia perceber tanto sentido entre todas essas ações. Porém,

no decorrer da trajetória de Dorothy e com o progresso do enredo, percebi a conexão de tudo o que a vida me apresentava.

O ciclone, o caos, a busca da nossa menina por um mundo mais colorido e instigante para além do arco-íris tinha algo do meu desejo por um lugar onde conseguisse desenvolver meus talentos e paixões, um deles o amor pelo aprendizado por meio de uma educação que fizesse sentido.

A diferença é que Dorothy acreditava que Oz, com seus poderes mágicos, poderia realizar seu desejo, e que em seu caminho surgiram três personagens essenciais que a ajudaram a se tornar líder de sua própria história, em junção com as vidas e sonhos deles:

O ESPANTALHO:

Aquele que a partir do trilhar da estrada de tijolos amarelos passa por experiências que o tornam mais sábio e conseqüentemente líder

da Terra de Oz;

O HOMEM DE LATA:

Que deseja ser mais humano, sensível, e ao fim da jornada se torna o líder dos Winkies, ou seja, o representante que aquele lugar precisava após tantas atrocidades cometidas anteriormente pela Bruxa Má;

O LEÃO:

Com o apoio do grupo, desenvolve coragem e confiança em si para ser aquilo que nasceu para ser: o rei da floresta.

E quanto a mim, o que aprendi com essas memoráveis personagens?

Que preciso, primeiro, ser líder da minha própria história, sem a necessidade constante de aprovação das minhas ações.

Dessa forma estarei pronta para o que essas atividades me revelaram com clareza: meu

propósito é ajudar pessoas a se reconectarem com sua essência e sua verdade.

Como nada é por acaso, ao chegar nesse lugar encontrei uma educação que faz sentido, pois o nosso diretor compreende que uma escola de qualidade precisa dessas diferentes atividades que ajudam os jovens a encontrar seu lugar no mundo.

Sophia Oliveira | Ensino Médio

E.E. REV. TÉRCIO MORAES PEREIRA – SÃO PAULO, SP

*“Aprendi que o acontecimento vivido é finito,
ou pelo menos encerrado na esfera do vivido,
ao passo que o acontecimento lembrado
é sem limites, porque é apenas
uma chave para tudo o que veio antes e depois.”*

Walter Benjamin

Em uma vila

Acho que na vida temos momentos de afeto que transcendem nossa alma. Os livros me ensinaram isso, e que a maior e mais incomum criatura pode ser amada e cuidada por pessoas que se comoveram com aquilo que viam. O conto “O afogado mais bonito do mundo”, de Gabriel García Márquez nos mostra como o amor pode ser tão profundo e desconhecido quanto o mar.

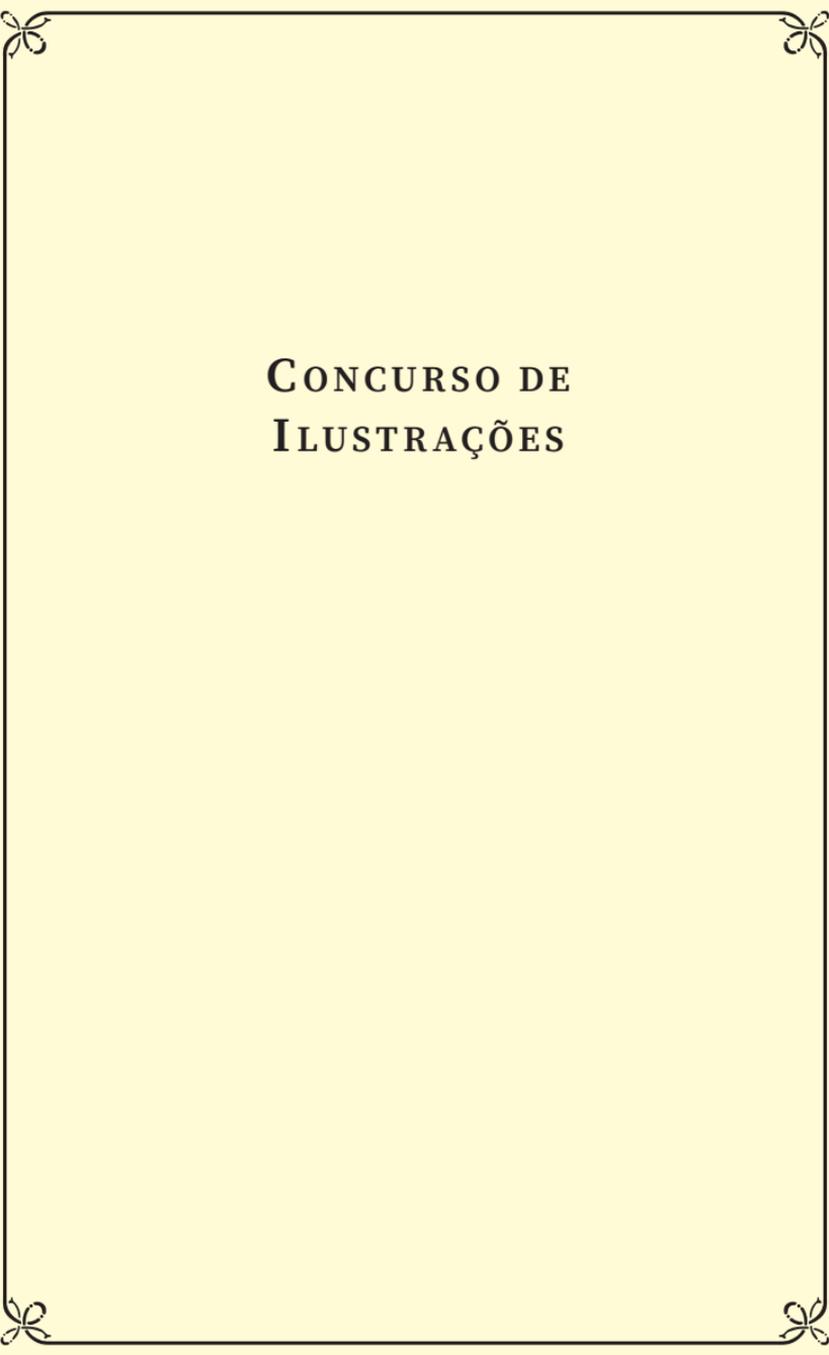
Este conto me comove desde a primeira vez que tive contato, pois acredito que a história de Estevão nos vem como uma missão de mostrar o que é o verdadeiro ato de amar. Podemos ver a forma como o humano se transforma, vemos como o desconhecido sai da estranheza para o familiar; o amigo necessário abraça aquilo que não conhecemos em nós e descobrimos algo no nosso interior que o faz transcender em um amor coletivo.

A história nos apresenta o luto e a ausência de algo que nem era nosso, mas com o coletivo e o afeto ele muda e se torna o conjunto do sentimento causado por algo que nem eles previam. A vida muda quando abraçamos o desconhecido e isso pode ocorrer quando conseguimos ver em nós tudo aquilo que outras pessoas foram capazes de enxergar através do nosso ser. O amar se tornou coletivo e minha história começou a caber dentro daquilo que me tornei.

Estevão mostra como o amor transforma,

como o cuidado e o afeto são necessários, e que independente de seu passado, tudo pode ser transformado.

Assim paro de articular essas palavras mudas que vivem em mim, e só são escutadas pelos livros. Ainda sou uma afogada, e acho que estou em uma vila, só que ela é muito maior que o esperado e tem muito a ser explorado, porém, minha vila, diferente da vila de Estevão, se chama “Vida”.



**CONCURSO DE
ILUSTRAÇÕES**

Quando os alunos encerram a leitura de uma obra do **Círculos de Leitura** nas escolas, chega o momento da escrita. O ato de escrever constitui parte importante da metodologia, é o momento no qual os participantes se apropriam individualmente do conhecimento coletivo alcançado no grupo.

Além da escrita, há a possibilidade dos jovens também se expressarem desenhando, pintando, criando dentro das múltiplas possibilidades do universo das artes.

As ilustrações desta edição do **Lembranças da leitura** retratam com cores, formas e texturas os sentimentos que as leituras provocaram nos jovens. A possibilidade de ilustrar as memórias das obras literárias estende o fio dessa conversa infinita e amplia o poder transformador da arte.

Thayane Shiono Miguel Celestino

Ensino Médio

E.E. PROF^a MARIA APARECIDA DE CASTRO

MASIERO – SÃO PAULO, SP



Anderson Moura Alves | Ensino Médio
E.E.E.P. FRANCISCA DE ALBUQUERQUE MOURA
– CEDRO, CE



Primo Primo, um livro maravilhoso para muitos e
especial para outros. Sua mensagem realmente
afetou e realmente sou feliz por isso a sua
e a sua obra, pode ajudar muitas coisas

Participar com os animais que
caminha e que torço a sua especial como
sua mesa que a primeira visita, e uma obra
comunicar, mas torço a sua especial de realizar

re focal m que descobri a sua
ativar. e a primeira visita
e uma obra

Primo Primo

o ano de 1998

Maria Clara de Jesus Moreira

Ensino Médio

E.E.E.P. DARIO CATUNDA FONTENELE – IPUEIRAS, CE



Agradecimentos

Nosso agradecimento a todos os alunos, ex-alunos, professores parceiros e amigos dos **Círculos de Leitura** que fizeram parte da realização do **IV Concurso Lembranças da Leitura**.

Agradecemos, em especial, a nossa banca avaliadora composta de professores, educadores e voluntários do **Programa Círculos de Leitura**, e a **Rita Depieri**, representante da Aldeia da Chama, que desde sempre tornou possível a realização deste concurso!”

Este livro é resultado de um maravilhoso trabalho em conjunto.

Corretores

Zilmara Pimentel

Roseli Garcia Pedretti

Rafael Martins Pereira

Patrício da Costa Fonseca

Nicolle Lima Nogueira

Laryssa Carreiro de Oliveira

Larissa Caroline de Jesus Bento

Gabriel Mendes Ferreira Michetti

Flávia Nicaele Sousa Silva

Ciely da Silva Santos Lima

Carla Vanessa de Oliveira Silva

Escolas participantes

- Aquarela (São Paulo - SP)
- EE Monsenhor José Augusto (Camocim - Ce)
- EE Professor João Batista Vilanova Artigas (São Paulo - SP)
- EE Padre Romeo Mecca (São Paulo - SP)
- EE Carlos Gomes (São Paulo - SP)
- EE Dario de Queiroz (São Paulo - SP)
- EE Deputado Manoel da Nóbrega (São Paulo - SP)
- EE Heckel Tavares (São Paulo - SP)
- EE Padre Romeo Mecca (São Paulo - SP)
- EE Professor Amador dos Santos Fernandes (São Paulo - SP)
- EE Professor Wilson Roberto Simonini (São Paulo - SP)
- EE Professora Célia Ribeiro Landim (São Paulo - SP)
- EE Professora Maria Aparecida de Castro Masiero (São Paulo - SP)
- EE Reverendo Tércio Moraes Pereira (São Paulo - SP)
- EEEP Adolfo Ferreira de Sousa (Redenção - CE)
- EEEP Alan Pinho Tabosa (Pentecoste - CE)

- EEEP Antônio Rodrigues de Oliveira (Pedra Branca - CE)
- EEEP Antônio Tarcísio Aragão (Ipu - CE)
- EEEP Balbina Viana Arrais (Brejo Santo - CE)
- EEEP Darcy Ribeiro (Fortaleza - CE)
- EEEP Dario Catunda Fontenele (Ipueiras - CE)
- EEEP Deputado José Walfrido Monteiro (Icó - CE)
- EEEP Doutor José Iran Costa (Várzea Alegre - CE)
- EEEP Francisca Castro de Mesquita (Reriutaba - CE)
- EEEP Francisca de Albuquerque Moura (Cedro - CE)
- EEEP Gonzaga Mota (Quixelô - CE)
- EEEP Governador Virgílio Távora (Crato - CE)
- EEEP José Maria Falcão (Pacajus - CE)
- EEEP José Ribeiro Damasceno (Trairi - CE)
- EEEP Júlio França (Bela Cruz - CE)
- EEEP Manoel Mano (Independência - CE)
- EEEP Maria Cavalcante Costa (Quixadá - CE)
- EEEP Marta Maria Giffoni de Sousa (Cruz - CE)
- EEEP Monsenhor José Aloysio Pinto (Ipueiras - CE)
- EEEP Monsenhor Waldir Lopes de Castro

- (Marco - CE)
- EEEP Prof. Sebastião Vasconcelos Sobrinho
(Tanguá - CE)
 - EEEP Professor Antonio Valmir da Silva
(Ipueiras - CE)
 - EEEP Professor Gustavo Augusto Lima (Lavras
da Mangabeira - CE)
 - EEEP Professora Maria de Jesus Rodrigues Alves
(Pacujá - CE)
 - EEEP Rita Aguiar Barbosa (Itapipoca - CE)
 - EEEP Walter Ramos de Araújo (São Gonçalo do
Amarante - CE)
 - EEM Antônio Luiz Coelho (Maranguape - CE)
 - EEM Celso Araújo (Cedro - CE)
 - EEM Guilherme Correia Lima (Quixeramobim - CE)
 - EEM José Correia Lima (Várzea Alegre - CE)
 - EEM José Ferreira Barbosa (Aiuaba - CE)
 - EEM Luzia Araújo Barros (Itarema - CE)
 - EEM Maria Daurea Lopes (Iguatu - CE)
 - EEM Maria Leal Teixeira (Acopiara - CE)
 - EEM Maria Stela Rocha Aguiar (Córrego do braço
guriú - CE)

- EEM Padre Coriolano (Pacajus - CE)
- EEM Professora Rosa Martins Camelo Melo
(Ibiapina - CE)
- EEM Raimundo Nonato Ribeiro (Trairi - CE)
- EEM Waldir Leopércio (Varjota - CE)
- EEMTI Antônio Martins Filho (Maracanaú - CE)
- EEMTI Carminha Vasconcelos (Morrinhos - CE)
- EEMTI Governador César Cals de Oliveira Filho
(Quixadá - CE)
- EEMTI Moisés Bento da Silva (Jati - CE)
- EEMTI Pedro Jorge Mota (Catarina - CE)
- EEMTI Prof. Maria Luiza Saboia Ribeiro
(Ipueiras - CE)
- EEMTI Raul Tavares Cavalcante (Itaitinga - CE)
- EEMTI Wilson Gonçalves (Crato - CE)
- Escola Quilombola Luzia Maria da Conceição
(Croatá - CE)
- Etec Doutora Ruth Cardoso (São Vicente - SP)
- Liceu de Quixeramobim Alfredo Almeida Machado
(Quixeramobim - CE)

Obras que inspiram os jovens

- A menina e o pássaro encantado (Rubem Alves)
- Amar (Carlos Drummond de Andrade)
- Amoras (Emicida)
- As três transformações do espírito (Friedrich Nietzsche)
- Lembranças da Leitura 2020 (Círculos de Leitura)
- Cartas a um jovem poeta (Rainer Maria Rilke)
- Conto de Eveline (James Joyce)
- Declaração de amor à poesia (Círculos de Leitura)
- Dom Casmurro (Machado de Assis)
- Fernão Capelo Gaivota (Richard Bach)
- Guerra e paz (Liév Tolstói)
- Kafka e a boneca viajante (Jordi Sierra i Fabra)
- Kouros (Nikos Kazantzakis)
- A alegoria da caverna (Platão)
- Noites brancas (Fiódor Dostoiévski)
- O afogado mais bonito do mundo (Gabriel García Márquez)

- O Averso da pele (Jeferson Tenório)
- O caminho de Homero - A comédia humana
(William Saroyan)
- O caminho de Marcus - A comédia humana
(William Saroyan)
- O caminho de Ulysses - A comédia humana
(William Saroyan)
- O catador de pensamentos (Monika Feth)
- O chão adormecido no baú dos sonhos (Eliane
Accioly Fonseca)
- O dragão de fogo (Lenda Sufi)
- O espelho (Machado de Assis)
- O mágico de Oz (Lyman Frank Baum)
- Os irmãos Karamazov (Fiódor Dostoiévski)

Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial

O **Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial**, fundado em 1987, tem a missão de promover o fortalecimento das instituições e a construção de uma sociedade menos desigual no Brasil e na América Latina. Sua atuação se dá por meio de pesquisas, seminários e ações sociais. Com nosso nome, homenageamos **Fernand Braudel** (1902-1985), grande historiador francês e um dos fundadores da Universidade de São Paulo; seu trabalho celebra o poder do mercado como força no desenvolvimento humano.

Realizamos pesquisas e debates sobre gestão e políticas públicas, crises financeiras, comércio, energia e instituições democráticas. Desenvolvemos ações que contribuem para o avanço da sociedade em: educação, saúde, segurança pública, na formação de consensos

sobre responsabilidade fiscal e estabilidade monetária e na focalização das prioridades nos investimentos em infraestrutura.

Nossas pesquisas concentram-se na publicação do *Braudel Papers*, jornal de pesquisa e opinião editado em português, inglês e espanhol. **A Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP)**, desde o início, generosamente se associa à nossa missão.

Programa Círculos de Leitura

Em “Dante, o criador”, William Anderson define as obras de arte como depósitos de energia psíquica que permanece viva através dos tempos. De acordo com o autor, o contato com estas obras desperta, em diferentes graus, a energia que está em nós, dependendo da nossa capacidade de entrega.

Com base nessas ideias, desenvolvemos o programa Círculos de Leitura, em que os participantes leem em voz alta e podem se reconhecer nas ideias contidas nas grandes obras da literatura. As muitas vozes, a sonoridade e a musicalidade das palavras despertam o saber do corpo, deixando aflorar os sentimentos, que são o alicerce da mente.

Acreditamos que o grupo é um espaço privilegiado para que ocorra o trânsito de energias. Nessa ação simultânea, a “inteligência

coletiva” se manifesta, porque todos os tempos convergem. É essencial criar um ambiente acolhedor em que as pessoas, sentadas em círculo, possam olhar e ouvir umas às outras. O que se observa no grupo é a circulação de uma energia que se transforma em sinergia, transcendendo a realidade imediata.

Nessa combinatória de ideias e emoções, que nunca podemos prever como se configurará, o grupo se torna o espaço do novo, onde o inédito surge espontaneamente e, por isso, a surpresa e o encanto diante dessa vivência transformadora. Assim, quando falamos de uma forma tão familiar, acabamos envolvendo aquele que está nos ouvindo.

Ao ler um livro percebemos que o escritor, em algum momento, conseguiu fazer uma conexão com as “forças cósmicas”, algo essencial se apresentou a ele, se revelou naquele momento.

Quando selecionamos aquele parágrafo é como se tirássemos uma fotografia e, no grupo, através de uma leitura atenta, paran-

do e repetindo aquela passagem, a fotografia daquele parágrafo se revela, através da livre associação dos participantes. Aquela luz de conhecimento é refletida e, no grupo, ganha intensidade.

Também faz parte da metodologia aprender a demorar-se, concentrar-se na leitura. Desse modo atingimos uma das tarefas primordiais de que nos fala o escritor Elias Canetti: *“Criar mais e mais espaço dentro de si próprio... espaço para os seres humanos com os quais convivemos”*.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lembranças da leitura. Ir ao encontro do mundo -- São Paulo : Instituto Braudel : Programa Círculos de Leitura, 2024.

Vários autores.

ISBN 978-85-62780-09-7

1. Literatura brasileira - Coletâneas.

23-174783

CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Antologia B869

Créditos

Edição Débora Nascimento

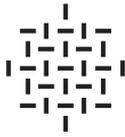
Revisão Danilo Gonçalves

Coordenação editorial Catalina Pagés

Assistentes editoriais Alanne Pereira, Felipe Amaral, Giovanna Lira, Luccas Bergami, Paula Indryd, Rayanne Oliveira e Rogério Pontes Carvalho

Design Andrés Parallada

Imagem da capa: Lírio, colótipo colorido à mão de *Some Japanese Flowers* (1896) de Kazumasa Ogawa. Original do J. Paul Getty Museum, EUA.



**braudel
instituto**

Programa
Círculos
de Leitura

**Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial
Programa Círculos de Leitura**

Rua Ceará, 2, São Paulo - SP
CEP 01243-010

Tel.: 11 3824-9633

E-mail: ifbe@braudel.org.br

Instagram: [@circulosdeleitura.org.br](https://www.instagram.com/circulosdeleitura.org.br)

<https://site.braudel.org.br/>

Textos selecionados a partir das inscrições no
Concurso Lembranças da Leitura, em 2023.

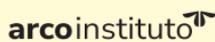
Este livro foi composto em Ruda e Georgia e
impresso em outubro de 2024 pela Margraf,
tiragem: 16.000.

No fio de uma canção, reencontramos nossas
lembranças.

PATROCÍNIOS



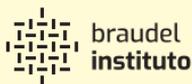
PARCEIROS INSTITUCIONAIS



APOIO INSTITUCIONAL



IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO



Programa
Círculos
de Leitura

REALIZAÇÃO



No seu fazer criativo o poeta descobre a força secreta do mundo, essa força que a religião tenta canalizar e utilizar através dos seus ritos. O poema e seu estranho encantamento, mostra para todos os homens a palavra viva, com toda sua aterradora e violenta nudez... A poesia é a revelação da inocência que nos dá alento e que podemos recuperar, porque a poesia ilumina nossos olhos e nos devolve o espanto e a fertilidade.

Os poetas foram os primeiros que nos revelaram que a eternidade e o absoluto não estão além dos nossos sentidos, mas neles mesmos. Essa eternidade e essa reconciliação com o mundo se criam no tempo presente, no aqui agora da nossa vida. A poesia é uma força capaz de revelar ao homem o seu sonho convidando-o a vivê-lo em plena luz do dia. A poesia expressa o sonho do homem e do mundo e nos diz que somos algo mais que uma máquina ou um instrumento...

Na noite sonhamos e nosso destino se manifesta porque sonhamos o que poderíamos ser... Entretanto, para revelar o sonho dos homens é preciso que eles não renunciem a sua consciência. Os poetas com seus poemas nos mostraram o caminho no qual o homem é um com o mundo e com as suas criações.

Tradução e síntese de fragmentos do livro *Las Peras del Olmo*, de Octávio Paz.

Compreender o texto tal qual o próprio autor o compreendia. Mas a interpretação pode e deve ser melhor. A criação poderosa e profunda é, em muitos aspectos, inconsciente e polissêmica. Na interpretação ela é completada pela consciência e descobre-se a diversidade dos seus sentidos. Assim, a interpretação completa o texto: ela é ativa e criadora. A interpretação criadora continua a criação, multiplica a riqueza artística da humanidade. A cocriação dos intérpretes.

Interpretação e avaliação. É impossível uma interpretação sem avaliação. Não se pode separar interpretação e avaliação: elas são simultâneas e constituem um ato único integral. O intérprete enfoca a obra com sua visão de mundo já formada, de seu ponto de vista, de suas posições. Em certa medida, essas posições determinam a sua avaliação, mas neste caso elas mesmas não continuam imutáveis: sujeitam-se à ação da obra, que sempre traz algo novo... O intérprete não pode excluir a possibilidade de mudança e até de renúncia aos seus pontos de vista e posições já prontos. No ato da compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado que abre novas possibilidades para os jovens de todo o Brasil.

Mikhail Bakhtin